Copyright © by Tania Navarro-Swain

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia da editora.

ISBN 85-11-00052-6
Primeira edição, junho de 2000
1ª reimpressão, 2004

Coordenação editorial: Marise Egger-Moellwald
Coordenação de produção: Célia Rogalski
Preparação: Beatriz de Freitas Moreira
Revisão: Felice Morabito
Projeto gráfico e editoração: Produtores Associados
Capa: Danilo Henrique e Patricia Buglian
Ilustração de capa: Zeila Navarro-Swain

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Navarro-Swain, Tania
O que é lesbianismo / Tania Navarro-Swain. - - – São Paulo : Brasiliense, 2004. - - (Coleção primeiros passos ; 313)

1ª reimpr. da 1ª ed. de 2000.
Bibliografia
ISBN 85-11-00052-6

1. Lesbianismo I. Título. II. Série.

04-6181 CDD-306.7663

**Índices para catálogo sistemático:**
1. Lesbianismo : Sociologia 306.7663

**editora brasiliense s.a.**
Rua Airi, 22 - Tatuapé - CEP 03310-010 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (0xx11) 6198-1488
E-mail: brasilienseedit@uol.com.br
www.editorabrasiliense.com.br

**livraria brasiliense s.a.**
Rua Emília Marengo, 216 - Tatuapé - CEP 03336-000 - São Paulo - SP
Fone/Fax (0xx11) 6675-0188

Si je la vois, mon cœur s'arrête, mes mains tremblent, mes pieds se glacent, une rougeur de feu monte à mes joues, mes tempes battent douloureusement. Si je la touche, je deviens folle, mes bras se raidissent, mes genoux défaillent. [...]

**Safo**
*Les chansons de Bilitis*

*Désert*: autrefois terre aride, étendue de sable. Actuellement tout endroit qui n'est pas habité par des lesbiennes.

*Couleur*: toutes les aimantes émettent une couleur qui leur est propre. Avec les caresses, les embrassements, les baisers, cette couleur sort avec violence, se répand et quelquefois explose.

**Monique Wittig**
*Brouillon pour un dictionnaire des aimantes*

# SUMÁRIO

Pequena advertência ..... 9

Prefácio ..... 11

A política do esquecimento: indícios e interpretações ..... 13
. O que a História não diz não existiu... ..... 13
. Diga-me teu sexo, eu te direi teu gênero ..... 15
. Amazonas, que medos despertam? ..... 21
. Deusa esquecida, Safo destruída ..... 24
. Lesbiana: caricatura ou fator de desordem? ..... 33

"Nosso nome é legião": o espaço vivido ..... 38
. Casos famosos ..... 38
. No entanto, elas estavam lá ..... 47
. Algumas opiniões ..... 51
. Freud explica ..... 57
. Imagens do tempo presente ..... 62
. Cenas e representações ..... 69

Perfis identitários ..... 76
. Um pouco de teoria ..... 76
. Que sexualidade é esta? ..... 80
. Identidade nômade: um desafio ..... 87

Bibliografia ..... 97

# PEQUENA ADVERTÊNCIA

No ano passado comecei um de meus cursos na universidade escrevendo no quadro a seguinte frase: "Minha única pretensão é mudar o mundo!" Achei graça na perplexidade daqueles rostos jovens, na seriedade de seu olhar. Mas de súbito a brincadeira revelou a extensão das tarefas a serem realizadas, a densidade do espaço a ser preenchido. Como sacudir as evidências, como modificar as representações, como trazer o novo a esquemas de percepção do mundo galvanizados em estruturas de verdadeiro/falso?

"Por que o passarinho canta?", perguntou o cientista louco. "Talvez por saber, talvez por poder, talvez por querer", respondeu o robô-que-sabia-tudo. De fato, o que interessa são as questões; as respostas, sempre ambíguas, têm valor transitório.

Este texto foi escrito em menos de um mês, fruto de um imenso cansaço e da impaciência crescente diante do totalitarismo do senso comum e da arrogância dos paradigmas, dos modelos, das essências. Dêem-me asas. Não tenho mais tempo para procurar a saída dos labirintos.

Quem estiver vestido no cimento de suas certezas não mergulhe nestas águas.

Tania-Anahita

# PREFÁCIO

Duas jovens caminham lado a lado e se sentam bem juntas, em um banco da praça, um halo de ternura, um clima de romance as envolve; duas mulheres, os cabelos grisalhos, se encontram e se abraçam, um brilho no olhar, num sopro de prazer: seriam amigas?, irmãs?, amantes?, lésbicas?

Um clima de mistério e de silêncio envolve as relações entre mulheres; quando se ouve falar é em voz baixa, um ar de desprezo ou de espanto.

Duas mulheres passeando, jogando, viajando, se divertindo: que graça pode haver se elas não têm a quem seduzir, se um olhar masculino não lhes dá presença e lugar no mundo? Afinal, o que podem fazer duas mulheres, que mesmo juntas estão "sozinhas"? Isso significaria que onde não existe um homem não pode existir emoção ou prazer, nem mesmo amizade. Neste raciocínio, as mulheres apenas teriam existência em dupla com um homem, "mulheres acompanhadas".

Falar de lesbianismo não é apenas descrever práticas ou elaborar definições; é sobretudo tentar observar como uma certa prática sexual se insere nas relações sociais, como é avaliada, julgada, denegrida, louvada ou silenciada no desenrolar da História. É também colocar questões relativas à identidade do humano, à delimitação das pessoas dentro de categorias sexuadas – mulher e homem – que as condicionam e as enquadram em modos de ser, maneiras de sentir, de perceber o mundo e a si próprias.

Questionar leva a abrir os horizontes, aprender coisas novas ou mesmo desaprender preconceitos, normas e valores afirmados pelo senso comum. Se a tradição está presente para falar do lesbianismo como um desvio, uma aberração, cabe-nos indagar o que é esta tradição que faz da lésbica um ser oculto e obscuro, que lhe reserva um espaço de perversão e de desordem num mundo que se quer transparente, definindo os seres humanos em apenas dois: mulheres e homens.

A História, esta narrativa que recorta a vida e o passado em textos produzidos segundo a percepção da realidade dos historiadores, esconde e ignora imensos períodos do viver humano. Ilumina e descreve, analisa e proclama uma ordem, uma lógica, nos eventos que, por serem escolhidos, se tornam importantes. Assim, as relações sociais que escapam aos modelos concebidos são marginalizadas, esquecidas ou eliminadas da historiografia, este grande conjunto de histórias que compõe a memória do vivido.

Lésbica, fanchona, sapatão, paraíba, machona, entendida: o que significam essas palavras? Que tipo de pessoas designam? Para que tipo de relações apontam?

O que foi o lesbianismo ao longo do tempo, nos poucos fragmentos que nos restam das relações das mulheres entre elas? O que foi dito pela História? E, sobretudo, o que não foi dito? O que é ser lésbica hoje? Teria o lesbianismo algo a ver com o feminismo?

# A POLÍTICA DO ESQUECIMENTO INDÍCIOS E INTERPRETAÇÕES

## O que a História não diz não existiu...

Se as mulheres começaram a surgir na História a partir do feminismo, onde se escondem as lésbicas, em que nichos de obscuridade e silêncio se pode encontrá-las? Se a História não fala das relações físicas e emocionais entre as mulheres é porque não existiram? Ou porque sua existência representa a desestabilização e o caos na ordem "natural" e "divina" da heterossexualidade dominada pelo masculino? O que seria do mundo patriarcal se as mulheres dispensassem os homens de suas camas e de seu afeto, se recusassem a "incontornável" parceria masculina e a reprodução como definidoras de suas identidades?

Quem diz História diz construção. A partir de indícios, de traços mais ou menos precisos, de restos mal ou bem conservados, sejam eles figurativos, impressos ou monumentais, abundantes ou extremamente escassos, um tecido é urdido e um discurso forjado. Os fragmentos atestam um real vivido que é entretanto transformado em História segundo as interpretações possíveis em cada época, segundo representações que constroem o mundo e a experiência vivida.

As fontes e o material são diversos, traços apenas de uma realidade efetiva, concreta, porém perdida para sempre em sua integridade. Restituir a realidade histórica tal como se passou é apenas uma ilusão perseguida ainda por alguns, herdeiros das "certezas" indiscutíveis do século XIX. A História-ciência, a História-exatidão de fatos e datas cede hoje lugar a um fazer constante, a uma tarefa de problematizar, de questionar, de tentar apreender os significados e os valores que orientaram os atos e gestos, sentimentos e paixões que atravessaram o viver humano.

Divididos em classes ou grupos, analisados sob uma ótica econômica, religiosa ou "natural", os seres humanos foram sendo categorizados em faixas etárias, cor de pele, altura, peso, força, inteligência, sexo biológico, nascimento, sexualidade. O modelo era a civilização ocidental, a referência principal o homem branco, heterossexual.

Mas essas divisões e combinações nem sempre foram iguais, nem sempre foram binárias do tipo belo/feio, bem/mal, certo/errado, normal/anormal, branco/negro, mulher/homem. Os critérios também se modificam e as classificações e hierarquias mudam de sentido com o passar do tempo, em lugares e espaços diversos. A História, dona do tempo, esqueceu que *tempo* significa transformações, esqueceu a própria história para traçar um só perfil das relações humanas.

As ciências humanas, físicas ou biológicas, como qualquer atividade humana, sofrem, em sua apreensão da realidade, o filtro das representações sociais, das imagens tradicionais, dos papéis e lugares designados às pessoas e às coisas, da importância atribuída a certos atos ou a alguns fatos. Percebe-se hoje que o discurso científico está tão impregnado de valores e preconceitos quanto o senso comum mais linear.



Assim, o que se sabe da História da humanidade depende de certa racionalidade impressa aos fatos, é uma *história*, uma narração cujas conexões são arbitrárias. Isso significa que os olhos vêem o que querem e podem ver através de uma "política de esquecimento": apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época.

Dessa maneira, por exemplo, a sexualidade pode ser um sujeito-tabu ou uma prática entre outras na vida dos povos; é matéria científica, de cunho moral, elemento organizador do social, ou apenas um relacionamento eventual entre pessoas, cujo sexo biológico não é determinante.

Mesmo tentando despojar-se de seus preconceitos e modelos, cientistas de todos os campos disciplinares iluminam ou destacam o que lhes parece justo, certo, evidente, o que lhes parece digno de importância, de análise. Toda evidência, porém, é uma armadilha, na medida em que é naturalizado o que se deve questionar. Esta seria a tarefa científica: desvirtuar as evidências, tirar delas a inocência da convicção e da certeza para se embrenhar na floresta de sentidos que criaram a condição humana e que fizeram de práticas socioculturais modelos definitivos de ser.

## Diga-me teu sexo, eu te direi teu gênero

Mas e o lesbianismo? Enquanto forma de relacionamento, essa denominação e o julgamento moral que a acompanha estão inseridos na perspectiva de uma história que se quer universal mas que em suas narrativas aponta para a parcialidade de sua construção.

As representações sociais, imagens que nos são transmitidas

desde o aprendizado da linguagem, estabelecem para cada momento vivido em espaços e tempos diversos uma história, uma forma de relacionamento entre os seres; no caso do Ocidente, criou-se todo um discurso filosófico-religioso para justificar a divisão dos humanos de acordo com um critério básico: o sexo biológico. Complementares ou diferentes, os sexos biológicos foram dotados de uma importância crucial, de uma evidência indiscutível; entretanto, enquanto divisor do humano esta distinção é também arbitrária, é também construída em torno de um critério básico: a *reprodução.*

Mulheres e homens — assim fomos designados ao nascer, assim somos olhados, avaliados, em tons de apreciação ou menosprezo, segundo critérios de beleza, sedução, fecundidade. Assim também nos olhamos, nos criticamos, nos julgamos, submissos ou rebeldes à norma.

Mas quem pode assegurar essa divisão no decorrer de 40 ou 50 mil anos de história dos seres que viveram, amaram, construíram e desfizeram tramas sociais as mais diversas, as mais complexas, as mais simples? Quem pode assegurar que tudo sempre foi da mesma maneira, a não ser invocando uma crença qualquer, um poder ordenador transcendental, uma natureza humana dotada de características fixas e definitivas?

Observando os indícios da História, encontramos traços de culturas e civilizações diversas onde os sexos feminino e masculino não se conjugavam do mesmo modo que hoje e onde mulheres podiam, "sem medo de ser feliz", amar-se umas às outras.

O infinito pulsar da realidade e das configurações sociais desmente na História a existência dessa natureza inexorável e única e a certeza advinda da crença que só é válida para quem crê. Nada



mais. Entretanto, sejam elas representações de cunho religioso ou de caráter "científico", atravessam e compõem a trama das relações humanas com maior ou menor impacto segundo as forças e os saberes presentes nas diferentes formações sociais.

Por exemplo, Adão e Eva, o casal originário, justificador e naturalizador da divisão sexuada da humanidade, faz parte de um repertório ficcional, traduzido em um discurso fundador do humano, e determinando o lugar de cada sexo: o homem, imagem de Deus; a mulher, sedutora e fraca, destinada por seu erro à obediência e à dor. Dois pólos, um superior, outro inferior, marcados pelo signo do sexo, da sexualidade, da reprodução, cada um em seu papel segundo a sua "natureza" dotada do selo divino. A heterossexualidade como norma e as relações assimétricas entre os corpos sexuados ficam assim instituídas no imaginário ocidental, ordenando as práticas e relações no Ocidente cristão.

Essas representações mediadoras das relações entre mulheres e homens marcaram de valores o discurso da história "científica", que se inicia no século XIX; penetraram a pesquisa médica e biológica quando decidiram e decidem a respeito do normal e do patológico nas práticas humanas; abriram espaço para a instituição de modelos de comportamento definidores do certo e do errado, do bom e do mau, do bem e do mal contidos nos sentimentos e nas práticas que ligam os seres humanos.

A heterossexualidade compulsória, fenômeno relativamente recente na história humana, passa a ser a regra universal, o que determina a integração social nos papéis do "verdadeiro" masculino e feminino. Os limites de tolerância de práticas sexuais diversas dependem do grau de hegemonia da heterossexualidade enquanto norma absoluta ou escolha possível; desse modo, nas

sociedades onde a reprodução é apenas um dos eixos e não o pivô central das relações humanas o leque de práticas sexuais aceitas tende a ser mais amplo.

A Grécia antiga, mais precisamente a Atenas dos séculos VI-V a.C., é ponto de referência obrigatório para a cultura ocidental, que se reclama sua herdeira e cita sem cessar seus filósofos como marco, divisor de águas entre os caminhos da razão e os dos mitos que ordenavam o mundo. Entretanto, curiosamente, as práticas sexuais dos gregos não foram incorporadas a seus discursos de saber, pois viviam uma homossexualidade aberta e institucionalizada, e os sentimentos mais profundos nas histórias de amor eram eventos entre homens.

E as mulheres? Nada indica que no interior das casas onde eram confinadas não mantivessem entre si relações amorosas, sexuais, afetivas; não para compensar a ausência ou o interesse limitado dos maridos, mas por desejos e pulsões talvez ambivalentes, talvez exclusivos. Nada se diz sobre essas mulheres, como se aceitassem passivamente todas as imposições, como se não tivessem impulsos e paixões, como se não sentissem amor e ódio, como se estivessem também excluídas dos sentimentos humanos pelo simples fato de serem mulheres. Para os atenienses as mulheres eram seres inferiores que não podiam ascender ao nobre sentimento do amor; seus amores eram, portanto, insignificantes. A História, em seu silêncio sobre elas, corrobora essa visão.

A História não fala e um silêncio de chumbo recai sobre as relações entre as mulheres. Mas no próprio mundo grego os indícios mostram uma outra realidade: em Esparta os homens e as mulheres eram separados, as mulheres participavam da vida da cidade, praticavam esportes e treinavam lutas armadas, estando longe da



clausura e da exclusão que existia em Atenas. A reprodução era um negócio de Estado que se encarregava de geri-la, já que mulheres e homens viviam separadamente (Pastre, 1987: 81).

Mas de Esparta não temos muitos dados, assim como de Tebas ou Siracusa; sabemos apenas indiretamente, pelas observações dos atenienses, que as mulheres nessas cidades dispunham de liberdade, de direitos, de acesso ao saber e à arte. Em Creta fala-se de matriarcado, e as amazonas estão presentes em um número considerável de autores gregos clássicos. Platão não hesitou em considerar Safo de Lesbos a décima musa e, se o deus máximo dos gregos, Zeus, era o primeiro a se interessar pelos jovens adolescentes, vê-se que a heterossexualidade era apenas obrigação – dever do cidadão – ou eventualidade. Não a norma. No Ocidente cristão, porém, aos poucos a homossexualidade masculina foi sendo banida e considerada crime; e a homossexualidade das mulheres desaparece da ordem do discurso.

Não se fala, logo, não existe. De tal forma que no século XVII a Inquisição, para julgar mulheres acusadas de práticas homossexuais, não dispunha de uma palavra com a qual nomeá-las: eram chamadas de "sodomitas". Isso é extremamente significativo, pois ao nomear cria-se uma imagem, cria-se um personagem no imaginário social. As mulheres homossexuais não tinham direito a um nome, logo, à existência.

Quando se pensa a História com inquietação, com um olhar que busca o *possível* e não apenas a monótona repetição do Mesmo, de uma suposta natureza imutável, as próprias questões abrem horizontes inexplorados. Assim, as verdades absolutas de antigamente hoje não passam de especulações arbitrárias. Dessa forma, como pensar as sociedades humanas dentro de modelos

únicos, baseados em apenas uma característica, o sexo biológico e a reprodução? Como restringir as próprias manifestações de sexualidade a um só modelo, cujas justificativas são morais, e por isso transitórias e mutáveis?

Como pensar 40 ou 50 mil anos de vestígios humanos de maneira uniforme senão a partir de crenças e valores contextuais? Por que as próprias definições dos seres humanos não seriam outras que o inevitável mulher/homem? A cor dos olhos, a quantidade de pêlos, a espessura do sangue, a habilidade artística e manual, o saber das plantas e dos seres, a idade, a intuição, a corpulência, opções infinitas quanto à organização social. E por que sempre a divisão binária, por que sempre a suposição de hierarquias? Pode-se mesmo indagar se a sexualidade teria, ao longo da história humana, a mesma importância que lhe é dada hoje.

As antropólogas feministas têm mostrado a diversidade de configurações sociais, mesmo na determinação do sexo biológico. Em algumas culturas, o sexo da criança é definido pelo *nome* que lhe é dado, de um parente homem ou mulher, e mais tarde ela decide o que vai ser, segundo sua preferência. Entre os índios brasileiros à época do Descobrimento, segundo o relato dos primeiros colonizadores, como Gandavo, havia aqueles cujo sexo biológico era feminino mas que escolhiam o papel social e sexual masculino, estabelecendo-se como tal, e realizando as tarefas do grupo escolhido.

Pouquíssimos autores apontaram essa particularidade e, quando o fizeram, como Florestan Fernandes, foi para emitir uma apreciação a partir dos próprios valores: diz ele que as práticas homossexuais entre os homens eram comuns pela falta de acesso ao sexo oposto. Essas mesmas práticas entre as mulheres, afirma,



eram condenadas e podiam ser causa de sua eliminação física (Navarro-Swain, 1996). Ora, a fonte que utiliza, Gandavo, não menciona isso; ao contrário: apenas relata a existência desses tipos de relações integradas à sociedade indígena. Florestan Fernandes não admite assim a existência de uma livre emoção de um homem por outro; quanto às relações entre mulheres, trata de excluí-las ou matá-las.

*Nunca* e *sempre* são palavras a ser evitadas: "nunca existiu", "sempre foi assim": nada tem uma permanência inquestionável na História. Talvez apenas o existir. Mas quantas modalidades de existência possíveis!

## Amazonas, que medos despertam?

Muitos outros indícios aparecem neste jogo de claro-escuro que é a História. Às representações normativas do feminino opõem-se, por exemplo, as amazonas, guerreiras temidas por sua coragem e destreza nas armas. Recentemente, túmulos encontrados por Jeannine Davis-Kimball, da Universidade da Califórnia, Berkeley, que datam de mais de 500 anos antes de Cristo, corroboram a existência de mulheres guerreiras enterradas com suas armas, espadas de ferro e escudos de bronze perto da cidade de Pokrovka, na Rússia. Da Grécia antiga, passando pela Europa medieval e moderna até a América Latina, as narrativas são múltiplas sobre as atividades exercidas pelas mulheres hoje vistas como lenda ou mito.

No Brasil, à época da Descoberta, índias armadas espantavam e amedrontavam os portugueses, que as consideravam mais ferozes que os homens. Entretanto, a trama urdida pelos discursos

históricos só retém o que as representações polarizadas de mulheres e homens permitem imaginar: assim, as mulheres guerreiras, amazonas brasileiras, gregas ou africanas, passaram ao domínio do ilusório.

Fala-se de mulheres guerreiras que viviam em grupos, separadas dos homens, como se fossem lendas impossíveis e improváveis, relatos a respeito de seres monstruosos, ficção amedrontadora. Os antigos — Homero, Heródoto, Diodoro da Sicília, Plutarco, Estrabão — fizeram inúmeras referências às amazonas; os historiadores, porém, recortam o que é digno de ser levado em conta, o que é *possível*: "isto é verdade, isto é mito". Alexandre, o Grande, encontra a rainha das amazonas, Thalestris: ele é história, ela é mito. As amazonas dos antigos teriam vivido na região que vai do norte do mar Negro e do mar de Azov até o sul do que hoje é Síria e Turquia, em regiões que compunham a Trácia, a Lídia e a Cária; na África, estariam onde hoje é Líbia e Egito.

Como poderia este sexo frágil e dependente dar origem a guerreiras poderosas e ousadas, temidas por heróis como Hércules e Teseu? Mito. Como poderiam guerreiras temerárias às margens do rio Amazonas enfrentar e afugentar os espanhóis, segundo narra Francisco de Orellana? Mito. E, sobretudo, mulheres que dispensavam os homens, requisitando-os eventualmente para ritos procriadores? Mito. Mulheres capazes de defesa e ataque, autônomas e temidas adversárias, partilhando suas vidas e emoções entre si? Mito.

Séculos de história apagam as mulheres da ação no mundo. Quantas e inumeráveis rainhas, sacerdotisas e outras personalidades não foram transformadas em homens na tradução de seus nomes? Como se espantar diante do muro de silêncio a respeito



de grupos que desmentiam a naturalização de papéis masculinos e femininos?

Os indícios, porém, são inumeráveis. Alguns poucos exemplos: no século VIII, na Boêmia, relatos indicam a existência de um exército de mulheres comandado por Wlasta; no século IX, Magdaland, a ilha situada no mar Báltico, unicamente povoada por mulheres, tomou-se legendária. Na África, tem-se notícia de que, no século XVIII, os franceses teriam lutado contra um exército de mulheres no Daomé (Benin); em Burkina Fasso, a etnia moré se diz descendente da amazona Jaffara.

No Brasil, estima-se que existem cerca de 5 mil indígenas que nunca tiveram nenhum contato com os brancos. Estariam as amazonas entre eles? Sérgio Buarque de Holanda, historiador, falando das amazonas brasileiras, trata-as de "virago", ou seja, "mulher que tem estatura, voz ou maneira de homem": apenas caricaturas, paródias, simulacros do masculino.

O homem sempre deteria, em sua "natureza", o referente a tais disposições — para o combate, para a conquista, para a defesa, para a expansão de domínios ou simplesmente para a autonomia de ação e a independência. As amazonas seriam, nesta ótica, "mulheres-machos", "paraíbas", "fanchas", desvios da natureza. Melhor colocá-las na dimensão do mito. O mesmo autor aponta para o "homossexualismo latente": mas de que arrogante posição de autoridade pode ele afirmar ou negar as práticas sexuais das amazonas, cuja dispersão e multiplicidade de grupos nunca poderiam ter um caráter homogêneo?

Ainda no campo da historiografia, que é de fato a memória social, por que não se estudam os celtas, que dominaram a Europa por mais de mil anos e cuja homossexualidade — masculina e

feminina – era vivida sem embaraços? (Markale, 1979) As mulheres – das tribos namnètes e samnites, por exemplo – combatiam os romanos de armas em punho? E o antigo povo picto, na atual Escócia, cujas mulheres eram mestras no manejo das armas, treinadoras dos futuros combatentes? Por que a História não se detém nos citas e nos sármatas, povos estreitamente ligados às amazonas?

A resposta é simples: no universo da hegemonia heterossexual, a desordem maior é o desinteresse das mulheres pelos homens. A lógica é: mulheres não podem ser guerreiras, logo, não existiram. As mulheres não podem ser homossexuais, não podem dispensar o masculino de suas vidas cotidianas. Logo, não podem existir. Mesmo na atualidade, quando é inegável a existência de grupos e movimentos lésbicos, a divulgação na mídia é mínima e permanece um halo de silêncio e mistério em torno de suas práticas, ações e reivindicações.

Da história antiga as mulheres guerreiras foram assim banidas, embora os documentos escritos persistam em nomeá-las e a seus feitos; relegá-las ao domínio mitológico é uma solução que se revelou eficaz ao forjar um novo modelo para as "verdadeiras" mulheres, frágeis e submissas, cujo destino e emoção estariam atrelados inexoravelmente ao masculino. Os indícios e os traços aí estão para quem quiser vê-los. Amazonas guerreiras e homossexuais? É possível. Por que não?

## Deusa esquecida, Safo destruída

A História não nos traz certezas, apenas questões sobre um humano infinitamente plural. Mas a eliminação do múltiplo se faz em apenas algumas gerações de silêncio.

As deusas-criadoras-do-universo, cultuadas por milhares de anos, foram reduzidas a deusas-mães ou deusas-da-fertilidade ou simplesmente apagadas da história humana.

A política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento, e as imagens de mulheres hoje produzem e reproduzem características de fragilidade, dependência, incapacidade física e mental, consideradas "naturais" até a eclosão do feminismo contemporâneo. As que se destacam o fazem "apesar de serem mulheres" ou por serem "tão capazes quanto um homem".

O que dizer das que não se casam e que não se interessam pelos homens, na atualidade, onde o sexo é rei? Desvio, anormalidade, exclusão, doença, feiúra, falta de atrativos, falha de caráter, caricatura: o desejo e a atração de uma mulher por outra são transformados em válvula de escape para um corpo desgracioso e desprezado pelos homens.

As amazonas, enquanto grupo humano, foram relegadas ao domínio do ilusório; nessa mesma perspectiva, não se estuda, não se fala, não se debatem formações sociais históricas nas quais o imaginário religioso era dominado por uma figura feminina, a Deusa — não apenas "deusa disto-ou-daquilo", fecundidade, fertilidade etc., mas *A Deusa, Criadora-de-todas-as-coisas*. Que composições não seriam possíveis em sociedades onde o feminino não é desvalorizado, não é considerado inferior ou secundário, mas eixo central de ordenação do mundo? Que auto-representação teriam as mulheres nessas sociedades?

Nos primeiros 40 mil anos de humanidade, do *Homo sapiens sapiens*, produziram-se imagens exclusivamente femininas em abundância: pequenas imagens ou esculturas, algumas esculpidas com perfeição, outras toscamente elaboradas, mas seu número e existência são significativos (algumas encontram-se nos museus do Louvre, no British Museum, em Istambul etc.). Sua descrição, porém, é sempre "imagem de mulher, figura feminina, mulher". Quanto ao masculino, os primeiros achados são descritos como "rei, príncipe, sacerdote, guerreiro, artista, escriba". As mulheres são apenas mulheres, enquanto os homens têm profissões, posições, cargos, funções: isto é uma representação social, que cria o mundo segundo suas imagens.



Um museu tem discursos ideológicos evidentes, este é um deles. Sob a noção de uma evolução constante da humanidade, da passagem inexorável de um estágio inferior para o civilizado, esses povos são descartados do estudo e do imaginário ocidental sob a denominação de "matriarcado primitivo". Primitivo, logo superado. Matriarcado, inverso do patriarcado, domínio das mulheres sobre os homens, estágio inferior da humanidade.

O raciocínio é claro: as mulheres são inferiores, logo, se dominavam, a humanidade estava em um estágio inferior. E quem pode afirmar que os critérios fundadores das relações sociais desses povos eram os mesmos que os da atualidade, a força e a dominação? Que cartomancia autoritária e arbitrária decide o desenho das configurações sociais durante milhares de anos? Como se ousa generalizar valores e julgamentos sobre civilizações antigas de 10, 8 ou 5 mil anos, que se transformaram e se sucederam em perfis os mais diversos, já que dos 2 mil anos de nosso calendário não possuímos senão lacunas?

Kramer, especialista em história da Suméria, pretende explicar rapidamente como se constituía a civilização sumeriana, que durou três milênios, em algumas páginas: faz desfilar uma série de imagens e representações que poderiam ter saído do século XIX quanto às relações entre homens e mulheres (Kramer, 1969). E cristaliza esse imenso período de tempo em uma só descrição. Assim o discurso da memória humana é criado, sob a autoridade

do historiador, seus valores e preconceitos, que naturalizam as divisões e hierarquias sexuadas da humanidade. Arrogante discurso de verdade, ingênuas crenças que não percebem, sob a universalização de relações sociais e práticas sexuais do presente, o rugir da diversidade!

Por que não discutir elementos que escapam a nossa maneira de ser e de apreender o mundo, senão para manter uma certa ordem? Por exemplo, durante milênios, "deus era mulher" e o feminino era adorado em múltiplas civilizações como o princípio e o fim de todas as coisas (Stone, 1979). "Eu sou a deusa dos mil nomes, senhora da vida e da morte", dizem Innana, Isthar, Tiamat, Atar, Astarté, Asthoret, Anahita, Tanais, Artemis, Ísis, Cibele, Epona, Brigit, Cerridwen, Uma, Kali etc. Da Suméria à Europa, passando pelo Oriente Médio, Índia e África, a deusa criadora está presente na maior parte das culturas conhecidas (James, 1989). Que papel teriam as mulheres nessas formações sociais, que relações interpessoais haveria entre elas nessas culturas, onde o feminino se encontrava no centro do imaginário social?

Uma vez rasgado o véu da naturalização dos corpos sexuados e fixados para sempre em masculino e feminino, o possível se instaura e as relações de intimidade e emoção entre mulheres reaparecem no horizonte da História. Não como mito, mas como uma das articulações do humano.

A *Bíblia*, o *Alcorão*, narrativas ligadas a um deus masculino, não são verdadeiros manuais de comportamento e normatividade relativos à construção do social e dos gêneros, dos papéis femininos e masculinos?

Presente no imaginário constitutivo da realidade social, a deusa criadora, em suas diferentes denominações, ordenaria também



as relações humanas. Os indícios históricos que nos falam da Deusa são vestígios simbólicos de ordens diversas na organização humana, de uma outra *história*, a do Múltiplo, onde as mulheres eram agente e sujeito no mundo, onde o feminino era respeitado e sacralizado, onde talvez não existissem papéis masculinos e femininos como hoje se entende, resumidos em sua genitália.

A cadeia afirmativa que faz das coisas o que elas são chama-se positivismo, e rege ainda hoje a vida cotidiana e a apreensão do mundo. É assim, diz o discurso social, porque "sempre" foi, porque é tradicional, porque é natural, porque está escrito, porque o jornal disse, porque os filósofos explicaram, porque os padres afirmaram, porque a ciência demonstrou, porque o historiador concluiu.

Como explicar o sujeitar-se aos papéis sociais senão em função de seqüências aparentemente lógicas, que de fato são impressas no pensamento como verdades inquestionáveis, como certezas que sustentam o ser e o social? Como aceitar denominações, identidades a partir de práticas, de critérios mutáveis que não passam de categorizações impostas do exterior, de acordo com as transformações e os espaços sociais?

Lésbica ou lesbiana: o que significam estas palavras?

A polissemia é característica de toda palavra, de toda frase pronunciada ou escrita, ou seja, seus significados são múltiplos, conforme a capacidade e as condições de sua recepção, de sua compreensão. Houve um tempo em que lésbica era a mulher nascida em Lesbos, ilha grega na Ásia Menor, marcada pela presença de Safo, poetisa de talento excepcional cuja inspiração era insuflada pela paixão e desejo pelas mulheres.

Mantinha uma escola para moças nos arredores de Mitilene

onde aprendiam a arte da poesia e da música. Considerada uma das maravilhas da Antiguidade por seus contemporâneos, sua obra foi posteriormente destruída, queimada, esquecida pela História oficial, apagada dos livros escolares, prova de que o amor entre mulheres deve ser negado pelo silêncio.

A primeira vez que seus poemas foram queimados parece ter sido em 380 a.C.; mais ou menos na mesma época, o homossexualismo transforma-se em crime passível de pena de morte por decreto do imperador Teodósio, do Império Romano do Oriente. No início do cristianismo, os poemas de Safo são igualmente queimados no Império do Ocidente (Klaich, 1976: 167-168). O único poema completo de Safo que nos restou está contido no livro de Denys d'Hallicarnasse, *De la composition,* escrito no século I a.C. Atualmente, das traduções do que restou da obra de Safo têm grande prestígio as de Renée Vivien e Edith Mora.

Mas não se destruíram os clássicos gregos que se referem constantemente aos poemas de Safo e à beleza dos sentimentos que exprimem. Dos fragmentos que deles restaram ficou a paixão, o tormento, os sentidos que se turvam na visão, na presença da amada. O erotismo, a sensualidade, a voluptuosidade amorosa mostram que a sexualidade não se restringia aos órgãos genitais, pois em seus cantos de amor o corpo e a alma se mesclavam. Safo era altamente considerada, estátuas foram erigidas em sua honra, moedas cunhadas com sua efígie (Klaich, 1976: 162). Nessa época, portanto, nenhum opróbrio, nenhuma vergonha ou infâmia no amor entre mulheres; ao contrário, seus poemas aparecem como expressões estéticas maiores do sentimento amoroso.

As impensáveis relações entre mulheres, das quais Safo é apenas um exemplo, existiram em outras épocas de forma cotidiana



ou ritualística em assembléias, grupos ou cerimônias destinados apenas às mulheres; não como submanifestação do social, "coisas de mulheres", mas marcos na vida e na organização social. Ainda no mundo grego, a celebração dos Grandes Mistérios de Elêusis continha cerimônias secretas e iniciáticas às quais só eram admitidas mulheres; Haloa, outro tipo de assembléia de mulheres, e as Eleusínias, jogos e práticas esportivas exclusivas às mulheres, marcavam a vida na Grécia por volta de 1300 a.C. (Foucart, 1914: 48-56).

Que valores regeriam tais sociedades, que critérios existiriam no imaginário social para a definição dos seres humanos? Sabe-se que na Grécia oriental, na época de Safo, as mulheres gozavam de todas as liberdades políticas, econômicas e sexuais, bem ao contrário do que acontecia em Atenas. Certamente a norma da heterossexualidade – *heteronormatividade* – não estava ainda em vigor como fator absoluto de classificação do humano. Ser poeta não seria talvez um dos eixos de identidade, em lugar do corpo sexuado? Mas quem, no discurso histórico vigente, se preocupa em assinalar esses fatos? Falar de mulheres na História já é complicado, falar de lesbianismo é quase um crime.

Mas nessa Grécia antiga onde as mulheres começavam a ser excluídas do mundo e relegadas a uma função de ventre reprodutor Sócrates considerava Safo digna de adoração e colocava-a entre os sábios, mulheres e homens da Antiguidade (Klaich, 1976: 162). Já Aristóteles, em sua *Retórica*, destilando uma filosofia misógina e xenófoba, afirmava que em Mitilene honrava-se Safo, *ainda que* mulher. Neste caso, porém, não recrimina seus amores homossexuais, só desqualifica sua condição de mulher.

Nessa época, aparece assim claramente o embate entre

diferentes formas de pensar e viver no mundo grego: uma, excluindo as mulheres, mas não condenando a homossexualidade masculina, e outra, em que as mulheres participavam da vida social e sua sexualidade era livre da norma heterossexual.

Isso não significa que não houvesse mulheres e homens que se amassem e/ou tivessem relações heterossexuais. Significa apenas que estas relações não eram obrigatórias para sua identidade ou inserção no mundo em que viviam. Fora do âmbito da Grécia e suas colônias, as configurações sociais e sexuais podem ter sido muitíssimo mais variadas. Significa também que a obsessão da procriação não era necessariamente o centro da vida humana.

Safo viveu há cerca de 2600 anos e em sua ilha, Lesbos, a poesia e o amor das mulheres fizeram dela um nome que atravessou os séculos. No mundo grego oriental do século VI a.C., era sacerdotisa de Afrodite e participava dos ritos de iniciação e de renovação simbólica da cidade (Bonnet, 1995). Poderosa, louvada em sua época pela qualidade de sua obra, esquecida ou vilipendiada em seguida, fragmentos de seus poemas atravessaram o tempo para cantar seu amor e seu desejo pelas mulheres.

Entretanto, Safo é "liberada" de seu lesbianismo, é "recuperada" a partir do relato de Ovídio[1] sobre sua vida na XVª. *Heróide*, que a faz se suicidar por ser desprezada por um homem.

Essa narrativa, desde o início da era cristã, foi repetida infinitamente: uma pobre mulher se joga no abismo porque um rapaz a despreza. Isso com certeza contribuiu na formação da imagem

[1] OVÍDIO, *Héroïdes, XV*, Paris, Les Belles Lettres, edição de 1965. Citado por Marie-Jo Bonnet (Bonnet, 1981: 75).



da lésbica: ela se volta para as mulheres porque os homens não a querem. Horácio, por sua vez, em I a.C., vê em Safo a caricatura de um homem: *mascula Sappho*, assim a nomeia.

A partir da Renascença (Bonnet, 1981: 30) retomam-se os poemas e o nome de Safo em perspectivas que pretendem separar seu talento poético de seus amores: no século XVII reaparece sob a pluma de Thomas Bartholin, anatomista que descreve o clitóris e fala de uma "certa sodomia" praticada por algumas mulheres, entre as quais Safo; na mesma época Mlle. de Scudéry era chamada "Sappho", por causa da heroína de seu romance *Le grand Cyrus*, o que era considerado sinônimo de talento literário; no século XVIII , ser uma "Sappho" significava ser dotada de imaginação e ardor.

Mas no século XIX ressurge Safo ora na afirmação de seus amores homossexuais, ora como a poeta que não resiste à rejeição masculina. Esta última Safo (Bonnet, 1981: 31-32) é cantada em prosa e verso, em óperas, romances e peças de teatro, reproduzindo e reafirmando a imagem e a representação social da "lésbica-porque-mal-amada".

Safo: este nome passa a ser insulto ou elogio, mas seu prestígio literário de certa forma a redime, minimiza aos olhos da época seu "desvio" sexual.

Práticas sáficas: sinônimo de lesbianismo, os amores de Safo designam ainda os sentimentos e a sexualidade entre mulheres.

## Lesbiana: caricatura ou fator de desordem?

No século XX, entretanto, os dicionários atrelam à ilha de Lesbos, onde Safo vivia, as definições de lesbianismo: práticas

sexuais, mas igualmente sentimentos e emoções. De acordo com o Koogan Larousse (1979: 507): "Lésbico: diz-se do amor sexual de uma mulher a outra". Na Enciclopédia Encarta 1999, em CD-ROM: "Lésbica: mulher homossexual, mulher-homem, mulher-macho. Chulo: sapatão". Quanto ao adjetivo: "Lésbico: diz-se do amor de uma mulher a outra".

Amor ou sexo, qual destes itens define o lesbianismo? Um dicionário retém a sexualidade, o outro não. Então, o que é ser lésbica? Um sentimento, uma emoção? Ou a prática de uma certa sexualidade? Como criar uma identidade individual ou de grupo em torno de uma preferência sexual, eventual ou sistemática? Que classificação é esta que em sua ambigüidade atravessa o meu ser? Em que medida tais definições não reduzem ou aniquilam o potencial subversivo do lesbianismo em relação à normatividade, à disciplinarização dos comportamentos?

Foucault (1987: 5) mostra como a taxionomia – a classificação – depende de nossos hábitos de categorizar os seres, comentando uma "certa enciclopédia chinesa" na qual os animais estariam divididos em: "[...] a) pertencentes ao imperador; b) embalsamados; c) domesticados; d) leitões; e) sereias; f) fabulosos; g) cães em liberdade; h) que se incluem na presente classificação; i) que se agitam como loucos; j) inumeráveis etc. [...]". Esta classificação mostra de forma deliciosa que a racionalidade e a sensatez que se imprimem às coisas e à divisão dos seres são aquelas que nos são familiares, que são tradicionais, que são apontadas como tal pela autoridade, pela ciência, pela religião. Pela crença em alguma ordem qualquer e, no caso, a ordem binária dos seres, em feminino e masculino, em macho e fêmea, antes da adição de qualquer especificidade.



Quem diz feminino e masculino na atualidade diz práticas heterossexuais e reprodução. Como afirmar que a reprodução *sempre* ordenou o mundo, *sempre* conjugou as relações humanas e sexuais? Por que o prazer e o desejo estariam atrelados à perpetuação da espécie? Quem cortou as asas do amor e restringiu a expressão da emoção?

Valores morais, valores religiosos definem a visão do humano, e no mundo patriarcal o amor e o sexo entre mulheres são o perigo maior de perda de poder. De fato, a melhor maneira de assegurar uma dominação é se fazer amar e desejar pelos dominados: neste caso, a heterossexualidade compulsória e a naturalização dos papéis fazem de uma relação assimétrica e hierárquica o espelho do natural, do certo, do bom.

Assim, como se pode notar nas definições dos dicionários, as conotações, as significações que acompanham a palavra "lésbica" são sempre negativas: mulher-macho, paraíba, mulher feia, malamada, desprezada. As imagens revelam dessa forma ou uma caricatura do homem ou uma mulher frustrada, uma mulher que foge ao paradigma da beleza e da "feminilidade" e escolhe a companhia feminina por não atrair os homens. A insignificância atribuída à relação física entre duas mulheres já demonstra qual o "verdadeiro" sexo: o masculino – sem ele não há relação sexual. Esta é uma definição delimitadora da sexualidade humana: sexualidade é sexo genital, masculino.

Existe um profundo mal-estar social em torno do lesbianismo, seja para obscurecê-lo ou negá-lo enquanto prática corrente, seja para desqualificá-lo enquanto mutilação do SER mulher. O obscurecimento, a eliminação dos traços e da memória do lesbianismo, a política sistemática do esquecimento são reveladores

da prática disciplinar que institui a *heteronormatividade*, a norma que fixa a heterossexualidade enquanto padrão.

De fato, ao se perder o registro, apaga-se da memória o que vem deslocar, perturbar a ordem do discurso, a ordem do Pai. Isso explica a condenação à morte de mulheres que se vestissem de homem, em certos locais e momentos da História, pois essa atitude representaria um elemento de perturbação na ordem do social, logo, do mundo. Que perigo não representaria para a relação "natural" entre mulher e homem, para a constituição de famílias centradas na reprodução, para a domesticação das pulsões e desejos das mulheres?

O princípio de justificação pela simples afirmação seria o seguinte: "É natural porque é; é natural, logo, é bom". Na trilha da tradição, da autoridade e dos valores de uma certa moral ambígua (o que é aceitável para os homens não o é para as mulheres), elimina-se a possibilidade do questionamento sobre as práticas sexuais, criam-se a exclusão, o medo, a vergonha e a culpa.

Crime ou loucura, a recusa das mulheres de assumir seu papel "natural" de mãe e esposa leva-as à morte, à prisão, ao internamento, à exclusão, caso sua atitude ameace o institucional e o normativo. O celibato, sintoma do lesbianismo, é da mesma forma um indício da desordem e sua punição pode ser, nas sociedades ocidentais, a marginalização ou o internamento, além do ridículo e da derrisão.

Na antiga União Soviética, os gays, mulheres e homens, eram internados em hospícios, culpados de preferências sexuais a-sociais que atrapalhavam o caminho e a moral socialista, por viveram o "vício burguês" por excelência. Em 1990, a revista *Lesbia*, de Paris, em seu número de novembro, traz o testemunho de uma jovem



de 20 anos, Olga, que foi internada por homossexualismo em um hospital psiquiátrico, tratada com drogas e depois de "libertada" passou a viver sob tutela psiquiátrica, impedida de ver a mulher com a qual tinha ligação amorosa. Como ela, milhares de outras e outros. A Perestroika não modificou muita coisa nesse sentido.

Da mesma forma, no discurso médico ocidental pregava-se a eliminação da "doença", entrave para uma humanidade eugênica: "falha genética", "disfunção hormonal", categorias que de tempos a tempos voltam à baila nos jornais, revistas, *talk-shows* da televisão etc. "Tem cura?" "Nasci assim?"

Nesse jogo perverso de identidades, vem ganhando o "natural-reprodutivo" como marca do humano. Resulta uma humanidade moldada pelo sexo, cindida primeiro em homens e mulheres – com predominância dos primeiros; em seguida, do normal e anormal – com a exclusão social do último.

Assim, elimina-se ou se apaga o que atrapalha a ordem instituída dos valores morais, das "verdades" religiosa, socialista, positivista ou "natural" dos discursos biocientíficos. Na política do esquecimento reside a destruição ou o silêncio sobre a multiplicidade das relações humanas, sejam elas sociais ou sexuais.

# "NOSSO NOME É LEGIÃO" O ESPAÇO VIVIDO

## Casos famosos

Legião significa multidão, segundo o dicionário. Apesar do obscurecimento, o amor, a sexualidade, a emoção das mulheres entre si fazem parte do cotidiano vivido por milhares delas, seja de forma explícita, seja *in the closet*[2]. Mas o espaço vivido de suas experiências varia na atualidade como variou no passado, segundo as imagens e as representações nas quais se inserem ou criam.

Onde estão, quem são, como vivem? Como se vêem, como se agrupam? Que laços poderiam unir pessoas de culturas, classes, etnias diferentes? Uma certa idéia da vida, do amor, do sexo, ou práticas específicas que as distinguem das demais? Quem são aquelas que saíram do anonimato para enfrentar o repúdio, a repressão ou a condescendência? Quem ousa explicitar suas preferências e, finalmente, a questão a meu ver crucial, para que explicitá-las?

A frase que abre este capítulo está nas páginas de um livro clássico sobre o lesbianismo: *O poço da solidão*, de Radcliff Hall, romance que fez escândalo no início do século na Inglaterra.

[2] «No armário», expressão utilizada para indicar aquelas que não se mostram publicamente como homossexuais.



Trata-se da história de uma jovem criada como rapaz, com um nome de homem, Stephen Gordon, que vive uma vida de tormentos morais até entregar sua amada aos braços de um homem. Neste livro estão presentes os estereótipos clássicos: o isolamento, a marginalização, a bebida, a pobreza, um relacionamento doloroso e conturbado entre amantes eventuais. Os bares, um *bas-fond* enfumaçado, um clima de submundo acompanha a heroína, rica, intelectual, belo personagem sempre impecavelmente vestida de homem. Este livro, publicado em 1928, foi motivo de escândalo na Inglaterra puritana e Radcliff Hall foi processada por obscenidade.

Em sua narrativa ela não faz apologias sobre o lesbianismo, apenas conta histórias de amor entre mulheres, sem julgamentos morais, e isso é causa de escândalo. Inversão, obscenidade, imoralidade, corrupção, perigo para a religião, para os jovens, para o país, infecção são os adjetivos e argumentos empregados para, na época, condenar o livro, que foi interditado na Inglaterra durante 31 anos (Klaich, 1976: 216-220). Os primeiros 247 exemplares de *O poço da solidão* foram queimados no porão da Scotland Yard (Klaich, 1976: 215). Como a obra de Safo. Publicado entretanto em catorze países, inclusive no Brasil, tornou-se uma referência clássica sobre o lesbianismo.

É interessante salientar algumas características deste romance: o lesbianismo é congênito, as lesbianas são masculinizadas, formam casais no estilo heterossexual e são infelizes. No final, a normalidade vence: Stephen, vencida pelo dever moral de dar-lhe condições de felicidade e inserção social, entrega "sua" mulher ao "verdadeiro" homem.

Nada menos obsceno que este romance no qual a sexualidade

é apenas discretamente sugerida e o "bem", o "normal" e a ordem heterossexual triunfam. "Maria, não me deixe" é o grito silencioso de Stephen ao ver seu amor se afastando, é a constatação da "incontornável infelicidade" ligada ao lesbianismo. Este é o destino da "invertida", fatalidade, quase doença, digna de condescendência e comiseração social.

Se o livro parece datado na composição de seus personagens, as mesmas questões morais e os estereótipos ainda estão presentes na atualidade, apesar dos limites cada vez mais transparentes quanto à delimitação de papéis *butch/femme*[3], o clássico casal lesbiano, reprodutor dos papéis estereotipados de gênero. A anormalidade, o desvio, a inversão, a exclusão são categorias em torno das quais transita ainda o medo de expressar sentimentos ou desejos voltados para o mesmo sexo.

Este livro é exemplar na medida em que retoma os modelos cristalizados de gênero – feminino e masculino – e faz de todas as nuances um caso de patologia física ou mental. É um discurso claramente construído em suas "condições de saber", ou seja, uma lésbica escreve sobre o lesbianismo o que se pensa à época sobre este assunto. Radcliff Hall, entretanto, ligada por mais de trinta anos a Lady Una Troubridge, foi obrigada a se exilar por ter ousado falar claramente sobre uma realidade que pode até ser vivida, mas nunca exposta e dita clara e explicitamente.

Em Paris, porém, na Belle Époque[4] e no período entre as

[3] Expressão clássica que designa o "casal" lesbiano em termos binários: *butch*: sapatão, macho; *femme:* "sua" mulher.

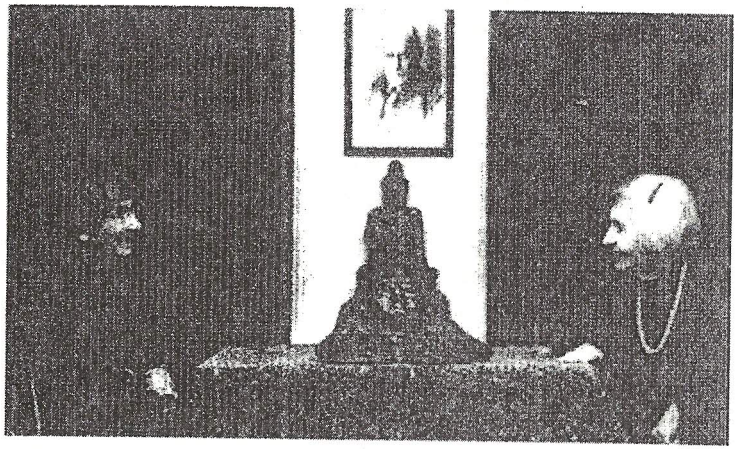
[4] Primeiros anos do século XX.



guerras mundiais, havia todo um mundo artístico onde mulheres famosas evoluíam e se amavam sem esconder suas preferências. É o caso de Nathalie Clifford Barney, escritora americana que viveu toda sua vida na capital francesa, mantendo um salão literário por onde passaram todos os grandes nomes da época, homens – de Proust a Joyce – e mulheres, estas últimas geralmente fazendo um breve ou longo estágio em seus braços.

Nathalie Clifford Barney era a imagem da mulher sedutora e irresistível, mas seu interesse era exclusivo às mulheres. Lyane de Pougy, uma das mulheres mais sensuais e solicitadas da Belle Époque, Renée Vivien, Colette, Lily, a duquesa de Clermont Tonerre, Dolly Wilde, Djuna Barnes, Germaine Beaumont, Marie Laurencin – suas amantes foram incontáveis e famosas, e aos 80 anos começava uma nova relação amorosa. Morreu em 1972, aos 95 anos (Weiss, 1995: 101), deixando muitos livros escritos e inumeráveis lembranças nos corações femininos.

Amores múltiplos, havia entretanto uma relação especial, com Romaine Brooks, pintora famosa, que durou mais de cinqüenta anos. Relação aberta? Tinha a fama de ser tão fiel em amizade quanto era infiel no amor (Weiss, 1995: 119). Nathalie Barney fugia a todos os estereótipos, ora sendo fotografada nua na floresta, uma verdadeira ninfa iluminando a clareira, ora vestindo um estrito *tailleur* e chapéu masculino. Em sua casa em Paris, reuniões pagãs e montagens teatrais eram feitas exclusivamente para e por mulheres, das quais participavam, por exemplo, Colette e Sarah Bernhardt. Muito rica, promovia e auxiliava a carreira das mulheres artistas e fundou mesmo uma Académie des Femmes para se opor à Académie Française, que excluía as autoras por serem mulheres (Weiss, 1993: 117).



Anna Freud (à direita) não quis, não achou necessário, não teve coragem de assumir seu amor por Dorothy Burlingham. Afinal, por que deveria se explicar?



Outros nomes famosos aparecem e se destacam no cenário europeu, ficando mundialmente conhecidos: Florence Nightingale, que abriu o campo da enfermagem como profissão para as mulheres; Anna Freud, filha e herdeira de Freud no desenvolvimento da psicanálise; a escritora Gertrude Stein; Marguerite Yourcenar, primeira mulher admitida na Académie Française, cuja relação com sua tradutora, Grace Frick, durou quarenta anos; Margaret Mead e Ruth Benedict, famosas acadêmicas. Todas elas, lesbianas, viveram longas histórias de amor com outras mulheres.

Florence Nightingale organizou o sistema hospitalar militar inglês e aos 36 anos voltou da guerra da Criméia como heroína, tendo feito baixar a taxa de mortalidade dos feridos de 41% para 2,2% (Richards, 1993: 68). Com o fim da guerra, em 1860, fundou a Escola e Lar para Enfermeiras Nightingale, em Londres. A inauguração desta escola marcou o início da formação profissional na área de enfermagem. Seu primeiro grande amor foi Marianne Nicholson, e igualmente sua tia, Mai, mais velha que ela vinte anos, que deixou marido e filhos para estarem juntas durante alguns anos.

Dell Richards afirma que se Anna Freud soubesse estar seu nome num livro sobre lesbianismo daria voltas em no túmulo. Segundo esta autora, Anna teria afirmado: "Não sou lesbiana. Apenas me apaixonei por uma mulher" (Richards, 1993: 243). Isso é extremamente significativo em relação à questão inicial destas reflexões: o que é o lesbianismo, o que é ser lésbica?[5] Quem se considera lesbiana e quem é assim considerada?

[5] Abordarei esta questão na parte final deste livro.

Quando se pensa que só em 1973 a American Psychological Association retirou o homossexualismo de sua lista de doenças e no Brasil apenas em 1999 o Conselho de Psicologia, em seu código de ética, proibiu os terapeutas de tentar mudar a orientação sexual de seus pacientes, não é de espantar que as pessoas tenham receio às vezes de confessar a si mesmas suas pulsões. Em todo caso, Anna Freud viveu uma relação de mais de 25 anos com Dorothy Tiffany Burlingham, com a qual trabalhou, escreveu e criou a Hampstead War Nurseries para tratamento de crianças órfãs de guerra, que se tornou um centro de referência mundial para o tratamento psicanalítico de crianças.

Gertrude Stein, escritora norte-americana que causou grande impacto na literatura do século XX, viveu toda sua vida com Alice Toklas, editora de seus livros. Edith Hamilton, autora de *Mitologia*, primeira mulher a entrar na Universidade de Munique, célebre especialista em Grécia antiga, cidadã honorária de Atenas, recebeu a Cruz de Ouro da Order of Benefaction do rei Paulo da Grécia em 1957; foi diretora por 25 anos da Bryn Mawr School of Girls e viveu também um amor de vida inteira com Doris Fielding Reid, uma antiga aluna sua.

Sylvia Beach e Adrienne Mornier viveram juntas e fundaram a livraria-editora Shakespeare and Company em Paris, onde se arriscaram a publicar escritores "malditos" à época, como Joyce, e que se tornou um dos centros culturais da época antes da Segunda Guerra (Weiss, 1995: 30-57). Virginia Woolf, escritora famosa, nome que consta de todas as enciclopédias, cuja obra seria das "contribuições mais significativas ao romance moderno" (Encarta, 1999), também viveu amores sáficos.

Vita Sacckville-West, outra escritora de sucesso, ficou conhecida



também por seus amores com Virginia Woolf e inúmeras outras mulheres, como Violet Trefusis, Margaret Goldsmith Voigt, novelista, Mary Campbell, poeta. Vita era casada, mas não hesitava em viajar com suas amantes vestida de homem para evitar problemas sociais (Richards, 1993: 261-285). Dizia sentir-se duas pessoas, homem e mulher, vivendo assim uma bissexualidade assumida.

Estas mulheres, casadas ou solteiras, que assumiram explicitamente ou não seu lesbianismo, nasceram em geral em fins do século XIX, mas viveram, amaram, trabalharam e produziram suas obras no século XX. Americanas em Paris, francesas, inglesas, desafiaram padrões rígidos de comportamento e abriram as portas de diversas instituições profissionais e artísticas interditadas às mulheres pelo guante do patriarcado.

Em outros tempos, como na Paris do século XVIII, falava-se "à boca pequena" da rainha Maria Antonieta e suas "amigas íntimas" como Madame de Lamballe, cujo corpo decapitado foi arrastado diante de seus olhos. Catarina II, a Grande, czarina de todas as Rússias, não parecia ser indiferente às mulheres de sua corte. Catarina de Médicis, no século XVI, era famosa pelo seu séquito de favoritas.

Ao longo dos séculos, tantas e tantas outras atrizes, artistas, escritoras, profissionais de todos os ramos e especialidades viveram amores, paixões, sentimentos poderosos. Marlene Dietrich, Maria Felix, Edith Piaf (de tantos amores, mulheres e homens), tantos nomes podem ser citados, mas seriam apenas uma ínfima ponta do *iceberg*. Greta Garbo? Quem diria? Envolta em um halo de segredo e discrição, conseguiu guardar por muito tempo seu "segredo" do grande público.

Greta Garbo em *Rainha Cristina* (1933) que preferiu abdicar do trono a se dobrar à heterossexualidade compulsória (séc. XVII).



## No entanto, elas estavam lá

Rainhas, plebéias, servas, neste mundo de cotidiano banal ou de círculos mais restritos das artes e da literatura, evoluíam assim incontáveis mulheres, em diferentes espaços e épocas, às vezes casadas, outras vezes não, trocando amor e sensualidade, com maior ou menor dificuldade de inserção social. Entretanto, quantos milhares de outras se escondiam ou se expunham, num anonimato que as fez desaparecer das páginas da História, da memória social, da própria existência?

Na Europa ou na América, nas mais diferentes épocas, as mulheres se amaram, se desejaram e viveram emoções sexuais, eróticas, passionais ou amizades especiais e duradouras que as ligavam intimamente. Aos poucos a História as traz à luz, difícil nascimento de relações impensáveis, saindo aos poucos do impossível.

Ligia Bellini faz aparecer imagens de mulheres acusadas de "sodomia"[6] e julgadas pela Inquisição no Brasil, entre 1591 e 1595: 29 mulheres (1987: 34-36), das quais apenas uma solteira e duas viúvas. Todas as outras eram casadas. Francisca Luís, negra alforriada, e Isabel Antônia, degredada para o Brasil pelo "crime nefando", tiveram um caso escandaloso em Salvador, com cenas de ciúme e agressão em público, que foi parar no Santo Ofício.

Paula, mulher do contador da fazenda de el-rei, confessou seu "ajuntamento carnal" com Felipa de Souza, que teve, no mínimo,

[6] Na época, as relações entre as mulheres não tinham um nome específico e, apesar de a sodomia dizer respeito principalmente a sexo anal, assim eram denominadas as homossexuais femininas.

seis parceiras confessas. As penas variavam de multas a repreensão ou degredo. Felipa de Souza era negra forra e seu caso aponta para um tipo de relacionamento pouco estudado: o que podia existir entre mulheres brancas e negras, entre as senhoras e as escravas.

Vários outros casos de relacionamento desse tipo também podem ser encontrados na documentação, como o de Guiomar Piçara e Mécia. Maria de Lucena acabou sendo expulsa de casa por dormir com as escravas, principalmente Vitória e Magayda. Resistência? Desejo? Amor? O que se percebe é o desabrochar da emoção lá onde só se via o domínio sexual do homem sobre a mulher: a família colonial. O "cafuné", o recostar das senhoras no colo de suas escravas para o descanso vespertino podem dar um perfume de relações amorosas das brancas entre si, das escravas entre si ou de negras e brancas confundindo seu suor e seu prazer. Outras práticas, desenhos coloridos de uma vida estranha às nossas imagens. Que mundo desconhecido não iremos ainda descobrir? É toda uma parte da história do Brasil, da história das mulheres a ser desvelada.

No século XVII, na Toscana, irmã Benedetta Carlini, abadessa do convento Mère de Dieu, sofre uma série de inquéritos eclesiásticos que transitam entre suas visões místicas e suas relações sexuais com uma outra religiosa (Brown, 1986). Fatos esporádicos e inéditos, iluminados por historiadoras, apontam para vivências múltiplas, para espaços vividos de encontros físicos e amorosos que despontam em locais propícios, de convivência próxima – conventos, colégios, acampamentos, prisões –, e em outros absolutamente comuns, de sociabilidade, como os locais de trabalho e de diversão.



Este é um espaço deixado no ostracismo pela História, mas os registros existem e mostram as dobras de um mundo desconhecido, onde as mulheres exerciam sua sexualidade e desenvolviam sentimentos mútuos na rede patriarcal que limitava suas ações.

Carrol Smith-Rosenberg (1975) encontrou nas cartas trocadas entre mulheres de grupos mórmons e quacres, nos séculos XVIII e XIX, nos Estados Unidos, emoções e afetos que floresciam na espontaneidade do desejo e da amizade.

Essas cartas contam histórias de amor e paixão, de sentimentos partilhados durante anos a fio, na proximidade e na distância. Histórias cheias de sensualidade e de desejo, cartas em que o sopro da vida passa pela presença, pelo toque, pelo encontro das amantes. Nelas desponta o frescor da cumplicidade, da generosidade, da paixão entre as mulheres, cuja expressão expõe o múltiplo do sentimento humano; a historiadora, debruçando-se sobre o *possível*, mostra os perfis singulares da emoção e da sexualidade que surgem onde menos se espera.

Com Carroll Smith-Rosenberg as relações entre as mulheres reaparecem na História, em uma realidade próxima e ao mesmo tempo alheia aos padrões com os quais se costumam analisar os séculos XVIII e XIX.

Se as margens de tolerância quanto a essas relações eram amplas, parecem entretanto delimitadas, por um lado, pela pouca importância dada a relações afetivas ou sexuais entre mulheres, já que a "verdadeira" sexualidade se encontrava no sexo masculino; por outro, apesar desta ampla latitude emocional, o mundo dessas mulheres relacionava-se ao esquema tradicional: eram quase todas casadas, mães e transmitiam imagens

estereotipadas e centradas nas tarefas definidas socialmente como femininas.

Assim, não ameaçavam a ordem instituída, a ordem do Pai. Eram, desta forma, aceitas e incorporadas à rede de laços familiares. "As grandes amigas" (traduz-se "as amantes") não escondiam seu afeto que finalmente não modificava a divisão dos gêneros: feminino e masculino. Entretanto, apesar de dobrar-se às exigências das instituições — casamento e maternidade —, não permitiram que seus sentimentos e sua sensualidade fossem por elas domesticados e limitados.

De um lado, portanto, uma sociedade de normas rígidas e estritas, como a dos mórmons ou quacres; de outro, uma estratégia social que aceita e torna interinas as relações homoeróticas neste mundo de mulheres, já que não interferiam na organização simbólica e material.

Neste caso, as experiências múltiplas das mulheres entre si, de toque, de paixão e de sexo, não apareciam como transgressões: estas relações parecem inseri-las em um mundo de outra categorização binária: a das emoções/prazer e das práticas institucionais/dever. Não estando nas margens, no *border line*, mas integradas às configurações culturais de relacionamento e aos limites do corpo sexuado, do afeto e da sensualidade, esses apaixonados e sólidos laços entre mulheres desaparecem no discurso monótono das relações binárias.

Se não fosse a inquietação, o questionamento da historiadora, quem hoje conheceria essas relações entre mulheres mórmons e quacres? O que a memória social não retém perde a espessura de realidade. Da mesma forma, ignorar e esconder o homossexualismo feminino é também uma tática para traçar um caminho único à sexualidade e ao sentimento amoroso.



## Algumas opiniões

A ambigüidade com que é visto e tratado o lesbianismo varia, portanto, segundo o tempo e o espaço vividos, desde que, no patriarcado, não ameace as instituições. Varia igualmente segundo a imagem e o conceito que se têm das relações sexuais e/ou amorosas entre mulheres.

Vamos encontrar em Simone de Beauvoir, por exemplo, arauto do feminismo contemporâneo, os mesmos estereótipos em 1949, vinte anos depois do lançamento de *O poço da solidão*. No *Segundo sexo*, obra fundadora das teorizações feministas, De Beauvoir mostra-se indecisa a respeito do lesbianismo: navega nas águas do senso comum, dos estereótipos, da "autoridade" dos testemunhos, mas apresenta em certos momentos uma análise aguda das imagens construídas sobre preconceitos.

Em uma frase, De Beauvoir desfaz o aspecto determinista da homossexualidade feminina e aponta a escolha como fator principal de um certo modo de vida social ou sexual. Afirma que não existe um destino sexual a governar a vida; ao contrário, o erotismo seria uma especificidade da vida em geral do indivíduo (De Beauvoir, 1966: 185).

Essa concepção separa o erotismo (aqui entendido como sexualidade) e o sexo e afirma a liberdade de escolha na coerência da pessoa, do indivíduo em face do social. O lesbianismo seria então uma escolha pessoal, "existencial".

Por outro lado, suas considerações sobre o amor entre as mulheres, que aqui se confunde com a sexualidade, criam um universo erótico particular, em que as carícias determinariam uma exata reciprocidade, sem luta, sem vitória ou derrota, pois "[...] cada

uma é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto, a soberana e a escrava, a dualidade e a cumplicidade" (De Beauvoir, 1966: 184).

É uma descrição idílica, mas tem o mérito de contemplar a quebra da representação social de um mundo dividido em dois, da hierarquia e assimetria que estão ligadas à heterossexualidade obrigatória.

Mas, recuperando as imagens estereotipadas, o lesbianismo aparece também como o fracasso de uma sexualidade "normal", último refúgio das mulheres cujo físico ingrato não atrai os homens e por isso tratam de imitá-los. Para De Beauvoir o desdém masculino confirma a feiúra, a falta de graça; a frigidez, o rancor e a inveja do homem completam o retrato da lesbiana. Tornar-se lésbica, portanto, para esta autora, seria uma saída às famosas "mal-amadas" que se voltam para o mesmo sexo pela impossibilidade de ter relações "normais" ou por frigidez pura e simples. "Nada dá uma impressão maior de estreiteza de espírito e de mutilação que estes clãs de mulheres liberadas", diz De Beauvoir (1966: 192), que conviveu com Nathalie Barney e freqüentou seu salão literário. Os preconceitos, os estigmas voltam a seu discurso, as imagens cristalizadas refazem sua aparição.

O peso deste senso comum em De Beauvoir parece espantoso, mas isso apenas demonstra o poder das representações no discurso social, no imaginário que habita tudo o que é dito, escrito, publicado, discutido, enunciado em sociedades singulares.

O traço mais marcante de seu texto sobre o lesbianismo poderia ser a referência maior e constante ao homem, às relações heterossexuais e sua "normalidade". Entretanto, o amargo depoimento de Bianca Lamblin (1995) vem confirmar as incursões



amorosas de De Beauvoir nos meandros do lesbianismo. Inconfessáveis atrações? Quem não as tem, ou teve, ou terá? Em todo caso, o feminismo apresenta sérias dificuldades em relação ao lesbianismo, como veremos adiante.

Apesar de denunciar a construção social dos papéis de gênero com a clássica frase "Não se nasce mulher, torna-se", De Beauvoir reafirma a ordem instituída como "natural", na medida em que desenha nitidamente uma "natureza" feminina, uma feminidade que se afirma não somente em relação ao masculino, mas também em oposição às "atitudes viris" das lésbicas.

*Inversão*, palavra empregada muitas vezes por De Beauvoir, sublinha a noção de uma ordem transtornada. Em face da "verdadeira mulher" encontram-se as lésbicas, cuja sexualidade seria infantil, incompleta, pois, segundo esta autora, desejariam as carícias masculinas, caso sua sensibilidade erógena fosse desenvolvida. De seu local de discurso privilegiado, De Beauvoir desconstrói o destino social das mulheres a partir de sua pretensa natureza; por outro, recria a natureza na oposição da "verdadeira mulher" e da lesbiana. Contradição? Pois é.

Neste mundo de imagens, o que é finalmente ser lésbica? A resposta é complicada, pois como pode uma prática definir o ser? Se eu digo "sou professora, sou médica, sou diretora, sou engenheira", estou expondo minha atividade profissional, minha especialidade, meu cargo; se digo "sou gorda ou magra, pobre ou rica", estou expressando um estado de ser, eventual. Se digo, porém, "sou lesbiana", estaria falando de meu ser profundo, de minha subjetividade, de minha identidade? Por quê? Por que afinal, tantos problemas em se ocultar ou se expor, em dizer, explanar, contar, mentir, fingir, enfrentar, sofrer uma "diferença"

imposta do exterior? "Sair do armário", se revelar, desafiar, que sentido têm essas atitudes, senão num quadro binário em que a sexualidade se tornou o centro, o núcleo do ser, a expressão definitiva do indivíduo?

No Ocidente, o cristianismo criou e implantou em torno da sexualidade, aos poucos, um halo de mistério e de pecado, fez da reprodução, esta função física, o eixo em torno do qual passou a girar a vida social, material, espiritual, estruturada na família heterossexual e na instituição do casamento monogâmico. "Pecou contra a castidade?", repetiam e repetem incansavelmente os padres nos confessionários, a voz um pouco ansiosa. De forma gradual, a sexualidade vai sendo censurada, limitada, definida, esboçada em perfis cada vez mais estritos, sempre se acentuando que só era aceita e válida em vista da procriação.

Abaixo o prazer, viva o missionário! Toda uma estética do erotismo desaparece nos abismos do pecado e da luxúria. Nessa perspectiva, a homossexualidade só podia ser vista como a pior das perversões, aquela que contorna a reprodução e impede o controle dos corpos pela domesticação da carne. Não é de espantar que durante muito tempo a sodomia tenha sido considerada um crime tão grave quanto um atentado contra o rei, passível de pena de morte.

Mas, se a atitude é repressiva, a *importância* que se atribui à sexualidade é a outra face que instiga, ordena, controla: é o poder que faz da sexualidade o nódulo central da existência, definindo vidas, identidades, carreiras, dividindo o mundo entre os "normais" e os "anormais/invertidos/desviantes". O traçado de um caminho "correto" passa a ser o viés da exclusão das manifestações múltiplas de afeto e/ou sexualidade.



No século XIX, alguns médicos e psiquiatras[7] atuam como *experts* nos tribunais e à noção de crime alia-se a idéia de doença: fora da conjunção carnal heterossexual os comportamentos sexuais passam a ser doentios, criminosos, além de desviantes. Para encontrar a homossexualidade feminina em certos tratados era preciso buscá-la entre os canibais, os zoófilos, necrófilos, coprófagos, estupradores, assassinos passionais, manifestações estas classificadas em conjunto como "psicopatologia sexual". Mas a constatação de que as lesbianas eram fêmeas humanas perfeitamente constituídas fisicamente, nos casos estudados, levou à criação da idéia do desvio, da doença, enquanto teorias explicativas de suas preferências sexuais. Por que, senão, como instituir a preferência heterossexual como "natural"?

Cria-se a representação da "homossexual inata", na qual as preferências sexuais estariam inscritas em seus genes, *degenerados*, criando assim uma predisposição incontornável. Doentes física e mentalmente, portanto. Essas idéias tiveram um campo de recepção extremamente favorável e no clássico romance que citei – *O poço da solidão* – esta é a visão da própria autora sobre o lesbianismo. No ano 2000 ainda vemos um resquício dessa noção na divisão entre as "verdadeiras" lesbianas, as que sempre o foram, e as outras, bissexuais, ex-casadas etc.

Entretanto, no próprio discurso filosófico do século XVIII (Rousseau), ou psiquiátrico do século XIX (tratado de Krafft-Ebing)

[7] Por exemplo, o famoso Lombroso, médico italiano, Westephal, Moll ou Richard Krafft-Ebing, autor de *Psychopatia sexualis*, publicado na Alemanha em 1882.

(Klaich, 1976: 71), percebe-se que o desejo heterossexual nas mulheres é fruto também de uma construção social. Assim, a passividade sexual e social deve ser fruto de uma educação conveniente, que encaminharia a sexualidade feminina para o caminho, correto, do instinto reprodutor: o desejo da mulher, finalmente, não passa do desejo de ser mãe. Este seria o instinto sexual da "verdadeira" mulher. *Mas, se o instinto natural é tão poderoso, por que a repressão, por que a necessidade da educação domesticadora?*

O comportamento social-sexual, assim, é visto como o retrato de uma mulher *comme il faut*, como deve ser, como a "natureza" indica. As meninas eram vigiadas em suas preferências, em suas atitudes, na busca constante de sintomas de normalidade ou desvio: fúteis, frágeis, passivas, diáfanas, superficiais, ignorantes, felizes de sê-lo, são as "verdadeiras mulheres". Qualquer manifestação quanto ao intelecto, à leitura, a atividades "impróprias" podia ser um signo de anomalia, de lesbianismo, de "querer tomar o lugar do homem".

No Brasil do século XIX, aquelas que se vestissem de forma masculina, que tivessem uma profissão, que pudessem ganhar sua vida ao exercê-la eram vistas como sociopatas e internadas em hospitais psiquiátricos como o Juqueri, em São Paulo (Cunha, 1989).

Neste mesmo século, em Paris, Parent-Duchatelêt publicou um livro sobre a prostituição que teve grande influência, na época, e nele afirma que um de seus perigos é a possibilidade de levar a mulher ao "cúmulo da abjeção", ao tribadismo (lesbianismo). Sublinha a "terrível ameaça" que representa o tribadismo para a ordem sexual, constituindo um atentado moral direto ao comportamento feminino (Corbin, 1982: 17, 19, 22).

Quanto a Krafft-Ebing, o tratamento que propunha para "curar" as homossexuais se desdobrava em várias partes: impedir a



masturbação (isto vai ser realizado com a cauterização ou ablação do clitóris); curar a neurastenia (definida como inquietação, como não-conformismo?) e, sobretudo, encorajar os sentimentos heterossexuais com um estrito controle de si mesmo (Klaich, 1976: 76). Como conciliar o "natural" da preferência heterossexual se a autodisciplina, a domesticação das pulsões, a mutilação são exigidas para que as meninas não se desviem do "bom" caminho?

A prática heterossexual aparece assim como condição *sine qua non* para a realização do destino último das mulheres: a maternidade. É também marco de sanidade mental, de inserção social, de uma perfeita consonância com a "natureza" das coisas.

Como separar a instituição social daquilo que é concebido como "natural", senão pela própria afirmação redundante de que é natural "porque é"? O espaço vivido do lesbianismo se reduz na proporção do medo, da sujeição, da vergonha de ser "diferente", da repressão implícita e explícita que aponta e nomeia para melhor excluir. Lésbica: a palavra designa e constrói ao mesmo tempo todo um campo de representações negativas.

## Freud explica

Mas além da religião e da psiquiatria uma outra forma de dogmatismo se instala, dotada do prestígio da ciência: a psicanálise. Os postulados psicanalíticos conferem à sexualidade a importância maior no desabrochar da individualidade. Nessa ótica, a sexualidade normal seguiria um caminho evolutivo em fases: anal, oral, genital, da infância ao estágio final de adulto. Se há uma pausa significativa nesse crescimento, isso designaria um desvio ou uma fixação anormal em estágios anteriores à sexualidade

adulta. Assim, os/as homossexuais estariam vivenciando uma sexualidade cristalizada em uma fase anterior ao pleno desenvolvimento sexual, em práticas mais ou menos infantilizadas.

O feminismo tem discutido, interpelado, debatido os pressupostos da psicanálise, que de certa forma vêm assumir interinamente os papéis sociais de gênero – mulher/homem – a partir de um sexo determinado biologicamente.

Nesse caso, as nuances psicanalíticas, enquanto teoria da sexualidade, são obscurecidas pelo rolo compressor dos estágios de desenvolvimento da sexualidade (oral, anal, genital), pelo medo da castração, pelo desejo do pênis, pelo complexo de Édipo, pela noção de uma sexualidade difusa que é a herança das mulheres – por serem mulheres. Nelas, a falta do pênis seria substituída pela maternidade, e deste modo, mais uma vez a teoria, a ciência vêm confirmar e ratificar a heterossexualidade – como fundamento inquestionável – e os papéis de gênero, estabelecidos de forma hierárquica e assimétrica.

A prática clínica tenderia assim a disciplinar as diferentes práticas sexuais em direção a seu destino anatômico – mulheres, homens –, guiado pelo instinto da procriação: práticas heterossexuais reprodutivas. Mas dessa forma a psicanálise não descreve apenas os mecanismos de evolução sexual: *ela se torna um desses mecanismos*.

Isso significa que a prática psicanalítica, definindo a trilha evolutiva da sexualidade, seria um dos caminhos de instituição da heterossexualidade enquanto única prática "natural" e correta (Rubin, 1975: 184); por outro lado, para a teoria psicanalítica a sexualidade é central na vida humana, gravitando em torno da presença ou ausência do pênis, símbolo do poder social. A inveja



do pênis, sentimento pretensamente partilhado por todas as mulheres, não seria apenas o desejo de aquisição desse poder? "Freud explica", diria o senso comum...

Até mais ou menos 1920 (Rubin,1975: 185), a sexualidade humana é descrita a partir do complexo de Édipo, que contemplaria o amor do menino pela mãe, frustrado pelo medo da imagem de um pai castrador. O desenvolvimento da sexualidade da menina fica meio nebuloso, e esta formulação supõe dois seres biologicamente determinados em suas pulsões heterossexuais. A partir dessa época, entretanto, o debate psicanalítico se detém sobre um período *pré-edipiano*, na qual as crianças dos dois sexos seriam psiquicamente indistintas quanto à sexualidade: no início, portanto, seriam *bissexuais*: as atitudes passivas ou ativas não seriam próprias a um ou outro sexo, mas adquiridas. Nessa perspectiva, o feminino e o masculino seriam *assumidos* e não desenvolvidos naturalmente sobre um fundamento biológico (Rubin, 1975: 186). Na fase pré-edipiana, a criança é confrontada com a heterossexualidade de sua mãe e de seu pai: como seria seu desenvolvimento fora deste esquema?

Os meandros dos esquemas psicanalíticos parecem, como sublinha Rubin, mais do que apontar a "natureza" humana, *descrever* como se adquire um comportamento sexual dentro de esquemas e códigos sociais, ou seja, em um mundo de valores que sublinham o importante, o certo, o errado e o normal. Que determinam a fonte do poder e a subordinação subseqüente. A determinação se faz, portanto, no *social*, e não na *natureza* do ser humano.

*É a articulação das relações sociais que decide os critérios básicos do que é natural, normal, aceitável; é a rede de sentidos social que determina o valor, a divisão, a coerção e a exclusão. A*

*sexualidade é um marco divisório cultural e as práticas que a compõem dependem do perfil social; homo ou heterossexualidade aparecem como práticas da experiência humana, e não sua natureza intrínseca.*

Nessa ótica, cada sociedade produz um sistema de apreensão e organização do mundo; no sistema patriarcal do Ocidente, que cria a representação de mulher para reduzi-la a seu sexo proclamando-o inferior, as lesbianas não seriam mulheres, pois não se sujeitam ao desejo masculino e ao controle social que determina os contornos do feminino, como afirma Monique Wittig, romancista e teórica feminista francesa (1980: 53).

O efeito político do lesbianismo seria a recusa do patriarcado em seus fundamentos, ou seja, a domesticação do desejo, da emoção e do corpo definido biologicamente como feminino. Essa perspectiva apresenta o lesbianismo como um fator de modificação da ordem instituída, como ponta de lança na transformação dos poderes vigentes. Para as "Radical Dykes", cujo discurso fez parte dos debates feministas da *Segunda Vaga* dos anos 70-80, "[...] a lesbiana é a cólera de todas as mulheres condensada em ponto de explosão" (Nicholson, 1997: 153).

A antropologia também contribui para o debate e, se nos ativermos ao estruturalismo de Lévi-Strauss, a heterossexualidade seria um pressuposto fundamental da organização social, a partir, por exemplo, da noção básica da "troca de mulheres" ou do "tabu do incesto". Mas Gayle Rubin (1975: 159) afirma que nem Freud nem Lévi-Strauss perceberam as implicações de suas teorias quando analisadas por um olhar feminista.

É assim quando Lévi-Strauss aponta a "troca de mulheres" entre os homens como o fundamento de todo sistema de parentesco — ele está de fato descrevendo a *construção social da opressão* das mulheres, e não analisando a incontornável natureza das coisas. Parentesco é organização social e distribuição de poder. Assim, a troca de mulheres aponta para o social e não para o biológico (Rubin, 1975: 175).



Que tipo de autoridade pode afirmar que tudo sempre foi da mesma maneira? Sobretudo em antropologia, onde a própria diversidade das organizações socioculturais demonstra a impossibilidade de afirmações universais? As possibilidades de articulação entre o sexo biológico e o papel social são amplas, vários exemplos desfazem a lei "natural" da heterossexualidade. Um caso muito conhecido é o dos *berdaches*, que existiam ainda no século XIX entre os índios das planícies e do Oeste da América do Norte: fêmea ou macho biologicamente, escolhiam o gênero social a que pertenceriam, que de fato consistiria num "terceiro sexo" institucionalizado e aceito socialmente (Mathieu, 1991: 248-249). Entre os mohaves a situação é similar à dos *berdaches*. No Daomé uma mulher pode se casar com outra, desde que tenha condições de pagar seu dote (Rubin, 1975: 181), e o mesmo acontece em outros países da África (Mathieu, 1991: 281).

Qualquer desqualificação desses comportamentos em torno de valores tais como primitivo/civilizado, pagão/cristão aponta para construções morais que dividem o mundo entre o grupo do Nós, os evoluídos, os escolhidos, e os Outros. Quem arrisca dizer "exercício de poder" tem grandes chances de acertar. Poder de normatizar, poder de subordinar, poder para construir uma superioridade na desqualificação do outro. O *natural* e o *universal* são categorias sociais impostas ao comportamento humano.

Tome-se a famosa *diferença natural* entre homens e mulheres,

que é invocada a todo momento para explicar o ser da mulher e do homem: os sexos são considerados dados biológicos, opostos. O que se observa, porém, é que são as representações, a educação, os valores morais e a repressão que moldam o sexo biológico à imagem do masculino e do feminino. "Menino não chora", "menina não demonstra força", "menino é corajoso", "menina é retraída", "menino é agressivo", "menina é tímida": frases que todos já ouviram ou sentiram na própria pele. De fato, a rígida construção da personalidade em características totalitárias de feminino ou masculino é que define e cria a heterossexualidade enquanto norma e o homossexualismo como desvio. Menina que gosta de esportes, que não brinca com bonecas? Hum... será que ela é? Entretanto, se na fêmea e no macho humanos fossem buscadas as *similaridades* e não as *diferenças*, qual seria o resultado prático no social?

A socialização das crianças é um processo de formação de pequenas fêmeas e machos ensinados, desde o berço, que cada sexo tem seu lugar e seus limites, suas preferências corretas, seu caminho definido. A coragem da emoção, o desafio da afirmação de um desejo singular são atravessados pela exclusão, pela injúria, pelo aniquilamento; o preço da "normalidade" é a domesticação, a disciplina do múltiplo humano em torno da crença do binário, cujo selo é o "instinto natural" de procriação. Nada pode ter a pretensão de provar ou identificar algo de inato, tendências, preferências, comportamentos — e a história das ciências demonstra a validade temporária das definições universais e dos conceitos definitivos.

## Imagens do tempo presente

Mas o que é finalmente ser lésbica? Quem são essas pessoas



que afrontam a opinião alheia, a imagem social, para afirmar uma singularidade?

Se a ciência hoje, como vimos, abre a possibilidade para o questionamento do "natural" da relação heterossexual, qual a latitude do espaço vivido pelo lesbianismo, que questões suscita à ordem social, em que rede de imagens e representações se inserem as pessoas que se dizem lésbicas ou que não se afirmam, mas são vistas como tal?

Foucault considera que o mundo moderno tem sido regido por um *dispositivo da sexualidade*, ou seja, uma rede de investimentos políticos, econômicos, institucionais, científicos, religiosos, jurídicos, educacionais que trazem ao centro do social o sexo e a sexualidade. Podemos observar no cotidiano de nossas vidas a importância máxima que adquirem (Foucault,1988: 244). Este dispositivo atua em ramificações conscientes ou inconscientes, intencionais ou aleatórias, mas faz do sexo e das práticas sexuais a chave do controle de si e de outrem. Vive-se hoje um pulsar incessante de estímulos à expansão do desejo sexual: há uma frágil tolerância social quanto às escolhas individuais, cujo horizonte se expande ou se reduz sem cessar.

Ao nomear, identificar, catalogar as lesbianas enquanto desvio da natureza, caricatura do masculino ou certa patologia, as ciências e o senso comum criaram, ao mesmo tempo, o espaço de sua existência, de sua presença no mundo. Deram origem assim à possibilidade da identificação, do encontro, da união, da reivindicação; a quebra da solidão engendra a corrente da informação, do conhecimento, da ajuda mútua, da solidariedade. Assim, as *saídas do armário* (*out of the closet*) se tornam mais freqüentes, mais explícitas: o número diminui o medo, e a crescente visibilidade tende a

diminuir o preconceito. Quantas jovens e mulheres não sufocaram suas emoções diante do espectro da anormalidade, do pecado, da monstruosidade?

Aos poucos, alguns grupos lançaram revistas, boletins, criaram grupos de reflexão que deram não apenas visibilidade mas inteligibilidade ao lesbianismo. Alguns poucos exemplos ilustrativos: na França, várias revistas, com maior ou menor regularidade, apareceram desde os anos 70: *Désormais, Quand les femmes s'aiment, Bulletin des archives lesbiennes*, *La grimoire, Lesbia*, esta última de grande circulação e que existe até hoje; em Quebec, no Canadá, a tradicional revista *Treize* vem tentando manter sua periodicidade de quatro números por ano; no Brasil, *Femme* e *Um outro olhar* abriram caminho nesse campo. Nos Estados Unidos, *Off our backs, Lesbian connection, Lesbian contradiction, Girlfriends* e *Quim*.

Revistas de estilo acadêmico surgem também na França: *Lesbian ethics, Common lives, Lesbian lives* e *Vlasta*. Livrarias especializadas, como Les Mots à la Bouche em Paris, ou L'androgyne em Montreal, funcionam como pontos de difusão de informações e encontro, e nelas se pode encontrar literatura lesbiana, abrangendo desde romances, teoria e poesia até ficção científica e policial.

Nicole Brossard, romancista de Quebec de renome mundial, traduzida em quinze países, ou Louky Bersianik, uma das primeiras autoras a trabalhar a crítica e a escrita fora do binário heterossexual, há muito saíram do armário e podem ser encontradas no Village de Montreal. Na Sorbonne foi realizado um Colóquio Internacional em 1989 sobre "Homossexualité & Lesbianisme": estranha denominação entretanto, que coloca o lesbianismo como categoria outra, fora do homossexualismo. Mais uma exclusão?

Evidentemente, com a proliferação dos *chats* na Internet, a



comunicação se fez instantânea, intercultural, internacional. Experiências, idéias, discussões se abrem de forma mais ampla, os encontros são mais fáceis e o isolamento quebra-se como por encanto. Abre-se um mundo novo na troca, na amizade, no "papo" informal. Mas, como em todo *chat* na Internet, nunca se sabe ao certo com quem se fala. É claro que em países como o Brasil esses contatos só são possíveis entre uma pequena minoria que dispõe de tecnologia adequada; minoria sexual na minoria com recursos suficientes — mesmo assim, o número de participantes dos *chats* é grande. Resta saber quantos homens se dizem lésbicas nessas conversas.

Os modelos de identificação são difíceis de se encontrar, principalmente no dia-a-dia da vida comum; no mundo do espetáculo, porém, a fama de certa forma libera os costumes. A diferença, nesses casos, é instigadora, é *merchandising*: é o diferente exibido como curiosidade, como exceção, o que de fato serve para reforçar a norma. Arautos da bissexualidade como Madonna aparecem como provocadores, pois sua homossexualidade é ocasional, não interfere na divisão binária, na ordem sexuada do mundo; já a afirmação de um lesbianismo convicto como o de Angela Ro-Ro faz dela um espetáculo à parte, envolta em um halo de deboche e derrisão, marcada pela "diferença"; impõe-se, entretanto, pelo seu inegável talento. As façanhas esportivas também colocam personagens acima dos mortais: Martina Navratilova declara seu lesbianismo em alto e bom som. No mundo dos esportes a visibilidade lesbiana é grande, espaço de liberação do corpo e das amarras.

Festivais femininos de música como *Lilith Fair* são ocasiões de presença maciça de lesbianas para a apresentação de cantoras e compositoras famosas como k. d. lang ou Jewel, que não

escondem suas preferências sexuais. No Brasil, algumas conhecidas cantoras atraem um público específico tendo em vista suas tendências ou aventuras conhecidas no circuito "entendido". Ainda que não declarando abertamente seu lesbianismo, atuam como ponto de aglutinação de uma "comunidade" que não tem nome, sigla ou perfil. Há toda uma rede de comunicação informal onde tudo se sabe entre pares.

Festivais de cinema homossexual são igualmente ocasiões de encontros e debates, reunindo em torno das imagens pessoas ávidas de identificação, de um lugar no mundo. A busca do grupo, da tribo, dos "meus" se faz assim pública por ocasião dos espetáculos, das festas, onde a inversão da ordem não representa a revolução dos costumes.

Nos Estados Unidos e no Canadá, verdadeiras comunidades lesbianas foram criadas e mantidas por muitos anos, reinvenções modernas das amazonas; algumas tiveram a revista *Amazones d'hier, lesbiennes d'aujourd'hui*, de Montreal, nos anos 80, como veículo de comunicação e debate. As universidades nesses países têm freqüentemente "Grupos Lésbicos" institucionalizados, com local, telefone, inscrição oficial na própria universidade que os abriga, como na Uqam – Université du Québec à Montréal. Cursos são dados igualmente em diferentes quadros disciplinares, o que demonstra uma abertura institucional ao múltiplo em relação à sexualidade.

Montreal foi palco da criação do Réseau des Lesbiennes du Québec, em 1998, e grupos como "Les Amazones" congregam grande número de lesbianas para atividades esportivas: esqui, caiaque, alpinismo e outras modalidades. Uma pequena comunidade lesbiana chamada "La Terre", nos arredores de Montreal, existe



ainda hoje e promove ocasionalmente grandes festas ou encontros informais; a Chambre de Commerce des Lesbiennes realiza o "Salon des Femmes d'Affaires Lesbiennes" todo ano, em um grande hotel do centro da cidade, reunindo profissionais das mais diversas áreas. O Centre Communautaire des Gais et Lesbiennes de Montreal tem uma sede social no Village, aberta para informação, ajuda e encontros. Em Paris, o Centre Gai et Lesbien exerce as mesmas funções. No Brasil, o "Seminário Nacional de Lésbicas" está em seu quarto encontro – no Rio de Janeiro em 1999, e em Belo Horizonte em 1998.

Existe, portanto, nas Américas e na Europa, igualmente, um movimento de integração e visibilidade do lesbianismo enquanto grupo, e a legislação vem acompanhando esta afirmação: no Canadá, as parceiras lésbicas têm os mesmos direitos sociais que os casais heterossexuais, mesmo no que diz respeito à imigração.

Quanto à obtenção de direitos civis, as associações lesbianas unem-se aos homossexuais homens: o ILGA – International Lesbian and Gay Association, fundado na Europa em 1978, está presente em todos os continentes, de maneira mais ou menos ativa, inclusive no Brasil. Esta organização visa à colaboração e ao apoio entre as organizações de diferentes países, atuando como meio de informação e pressão nos aparelhos legislativos e jurídicos, denunciando e opondo-se à homofobia. Funcionou durante algum tempo como órgão consultivo da ONU nesse sentido.

Entretanto, a não ser como meio de pressão, a junção de homossexuais mulheres e homens traz problema: que teriam em comum, além da exclusão e da rejeição social? Num mundo dividido entre homens e mulheres, os pederastas pretendem um lugar no mundo dominante dos homens, ao qual pertencem. Seus

problemas de inserção e aceitação social não integram a realidade vivida pelas mulheres lesbianas, duplamente discriminadas. Não há nenhum laço específico que possa unir esses segmentos do social. Porém, as grandes amizades atualmente existentes entre jovens gays, de ambos os sexos, seria talvez uma nova forma de relacionamento na qual não estaria presente a sexualidade. Por que não? Em uma nova configuração, os sexos seriam embaralhados e confundidos, e eis que surgem pessoas no lugar do gênero binário.

Na Europa, sete governos (Dinamarca, Suécia, Groenlândia, Noruega, Hungria, Islândia, Holanda) decidiram que o direito de se unir não se aplica unicamente aos heterossexuais e instituíram um reconhecimento civil dos casais do mesmo sexo. Na França, muito recentemente foi também adotado um texto legislativo semelhante, o PACS. No Brasil, projeto nesse sentido foi apresentado pela deputada Marta Suplicy e teve adiada inúmeras vezes sua votação, por pressão principalmente de grupos religiosos, na incontornável necessidade que caracteriza as religiões e suas seitas de esquadrinhar as práticas sexuais. Controle? Domesticação? O que seria do poder religioso sem a divisão do mundo entre escolhidos e perversos, entre eleitos e pecadores, entre homens e mulheres?

Entretanto, esse tipo de legislação é criticado por alguns grupos ativistas, já que de certa forma retira o potencial subversivo de uma sexualidade múltipla, inserindo-a no sistema de valores vigente, como por exemplo a monogamia, com seu corolário de "infidelidades", ciúme, posse, violência, hipocrisia. Por que não a criatividade, a busca de novos tipos de relacionamento?

As modificações legislativas foram conseguidas, portanto,



depois de muita luta pela visibilidade e reconhecimento social da homossexualidade. Na Parada Gay de 1998 em Paris, a Declaração dos Direitos do Homem foi utilizada para denunciar a exclusão e a reticência da sociedade francesa em relação ao homossexualismo. Seu primeiro artigo, "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e de consciência e devem agir uns em relação aos outros em espírito de fraternidade", é comentado em seu manifesto: "A Declaração dos Direitos do Homem deveria conter apenas este artigo. Assim não haveria nem sexismo, nem racismo, nem escravidão, nem totalitarismo... nem homofobia" (Gay Pride, 1998). A homofobia seria, como indica a palavra, a rejeição, o ódio, a violência contra as pessoas consideradas homossexuais.

## Cenas e representações

Se alguns Estados, em suas instituições, consideram os direitos civis dos homossexuais, como aparecem suas imagens e representação na mídia? Como são vistas as lesbianas, teriam realmente uma visibilidade?

O mundo em que vivemos é construído de imagens, não apenas as visíveis, mas igualmente as representacionais carregadas de valores, de hierarquias, de posições, de normas nas quais a vida individual se desloca, decodificando, analisando e adequando-se, com maior ou menor pertinência, aos perfis preestabelecidos.

O *sujeitar-se* é a atitude mais comum, é a aceitação total das instituições do social sem dúvidas, sem questionamentos, sem problemas. É o desenvolvimento individual nos perfis definidos pelo social, seja enquanto gênero – mulher ou homem –, seja na

*experiência* do gênero, isto é, a latitude de ação dentro dos moldes, valores e comportamentos constituídos socialmente. Essa experiência, o ser no mundo, o dia-a-dia, é assim traduzida na reprodução das representações e imagens adquiridas: a repetição dos mesmos gestos, o controle dos mesmos desejos, a projeção das mesmas aspirações faz do mundo o monótono desenrolar do Mesmo. Assim o estereótipo, ao se fixar, ao se anunciar, ao se reproduzir, faz nascer o Outro, o indefinido, o improvável, o incompreensível, o excluído.

A desqualificação das mulheres ou dos negros no mundo masculino e branco, a exclusão e eliminação dos homossexuais no mundo heterossexual são os sinais da intolerância nascida de um modelo único de ser, seja ele biológico, filosófico ou religioso. Toda a cultura ocidental vive a esquizofrenia da duplicidade contida nas representações sociais do mundo: vida/morte, bem/mal, verdade/mentira, pecado/pureza, belo/feio, e assim por diante. Nesse raciocínio, em face da "verdadeira mulher" encontram-se a prostituta e a lésbica; se a primeira é preservada na ordem do sistema, a segunda é apagada dos registros, encontrada nos corredores dos hospícios ou olhada com desprezo e derrisão. Quando aparece, é para melhor ser eliminada.

Nesse sentido, *as tecnologias de reprodução do gênero* (De Lauretis, 1987), os meios de comunicação, por exemplo, trabalham no sentido de reinstalar as imagens tradicionais de mulheres e homens galvanizados em imagens estereotipadas do "macho-man", da "femme fatale" ou "barbie". As revistas femininas, o cinema, a televisão, vídeos, publicidade, revistas em quadrinhos, desenhos animados, na maior parte das vezes, reproduzem os papéis de gêneros, seus valores e sua importância.



Acontece, às vezes, por exemplo, no cinema de grande público, surgirem histórias de lesbianismo: geralmente acabam mal e os personagens acompanham as idéias preconcebidas sobre as lesbianas. No filme *Boys in the side* (1995), Whoopi Goldberg, que faz o papel de lésbica, é triste, solitária, sua vida não deu certo e a relação que desenvolve com outra mulher é totalmente platônica. Por um lado, é uma pessoa boa e dedicada, mas infeliz; por outro, o que definiria o lesbianismo uma prática sexual específica é inexistente. Volta-se à questão: o que é ser lésbica, afinal?

Em outro filme, a personagem lésbica é totalmente desestruturada, sai pelas estradas e mata todos os que encontra pela frente. Em *Children's hour* (1962), estrelado por Shirley MacLaine, as duas personagens principais são proprietárias de uma escola, uma é apaixonada pela outra mas existe um homem que vem interferir, uma denúncia de lesbianismo, e MacLaine acaba se enforcando depois de ver sua amada nos braços masculinos. O filme brasileiro *Vera* mostra o estereótipo mais marcante: a personagem é tão masculina que todos pensam que é um rapaz e como tal se apresenta para a família de sua namorada. Sexualmente tem problemas incontornáveis, não permite que ninguém a toque, nem mesmo sua amante.

Muito recente, *Boys don't cry* (1999) reproduz uma história real, de Teena Brandon, que também assume uma identidade masculina e é estuprada e assassinada quando descoberta. O estupro de lesbianas é seu castigo "natural", para reduzi-las a sua condição de fêmea; de toda maneira, como *ousou* tomar o papel masculino? Ela afirma várias vezes: "Tenho uma crise de identidade sexual". Sua ingenuidade, candura, seu desejo de se integrar a um grupo, seu amor que se revela aos poucos, o sofrimento de

uma indefinição nos levam à sufocante limitação identitária do binário, que faz dela um ser monstruoso, destinado à extinção, e que é efetivamente eliminado. A violência física e moral do estupro é secundada pela violência do interrogatório policial. Imitação ou caricatura masculina, doença mental ou física, rejeição, desequilíbrio, infelicidade, exclusão; isto seria ser lésbica? O filme *As lágrimas amargas de Petra von Kant* (1972) foi representado no teatro brasileiro por Fernanda Montenegro, e é mais uma história de infelicidade e sofrimento lesbiano. Entretanto, em *The purple color* (1985) o lesbianismo aparece como a única emoção positiva na vida da personagem principal, e em *Antonia's line* (1995) é apenas mais uma opção de vida no seio da família.

Em novela recente na televisão brasileira, um casal de lésbicas aparece sem nada que pudesse distingui-las fisicamente das outras mulheres. Do estilo "quem diria?" São aceitas e respeitadas em sociedade, mas a trama da história faz com que literalmente sejam explodidas em um incêndio criminoso. Elas não são assassinadas ou excluídas, são EXPLODIDAS. Esta circunstância dispensa comentários.

Em um seriado americano, *Ally McBeal*, a personagem principal se envolve com uma colega de trabalho, sentem-se profundamente atraídas, jantam, dançam juntas, beijam-se, mas no final chegam à conclusão de que apesar da emoção falta algo, dito em todas as letras: um pênis. Se nos exemplos anteriores as mulheres quase não se tocam, tudo é mostrado em subentendidos, neste último existe uma densa sensualidade: o discurso do filme mostra, porém, que duas mulheres não podem resolver seus desejos sexuais sem o auxílio de um homem. Explicita-se novamente a idéia de que a sexualidade só é possível onde existe um pênis.



Outro seriado, *Mad about you*, mostra um casal de lésbicas, que aparecem eventualmente, e também estão integradas socialmente; mas em um episódio uma delas confessa finalmente ter fantasias eróticas com um dos personagens masculinos; em outro momento uma das mães afirma não poder aceitar essa relação, em um rápido diálogo, que passa quase despercebido. Se as representações não mostram imagens caricaturais de lésbicas, os valores que compõem a teia discursiva são claros na desqualificação do lesbianismo.

Ainda no domínio dos seriados americanos, em *Friends* um dos personagens masculinos casa-se com uma moça que se descobre lésbica e o abandona por outra mulher. Um dos episódios gira em torno do casamento de ambas e, apesar do clima de descontração, os estereótipos são marcantes na masculinização das convidadas para a festa; uma surda rivalidade e descontentamento ficam explícitos nas falas dos personagens masculinos.

*Ellen* foi um seriado que deu muito o que falar, no qual a personagem se percebe lésbica e se declara como tal, não sem antes ficar numa dúvida atroz: será que sou? Será que não sou? Note-se que em sua descoberta não interfere nenhuma experiência sexual com outras mulheres. De novo, volta a questão: quem é lésbica? Não é finalmente a expressão de uma prática sexual? Que descoberta é esta, afinal? O episódio em que se declara lésbica foi festejado, visto e revisto de norte a sul das Américas; entretanto, pouco tempo depois, a série desapareceu da programação. Quando se imagina uma nova visibilidade atravessando a mídia, quando se pensa um certo contra-imaginário em marcha na transformação dos papéis fixos de gênero e de sexualidade, toda uma imagética colorida e atraente ressuscita com vigor os estereótipos que, quando não físicos, são psicossociais.

Poucos filmes adensam o relacionamento entre mulheres, e entre eles está *Fire* (1996), filme indiano que causou escândalo, depredações e quase foi censurado na Índia. Neste caso, uma das mulheres era desprezada pelo marido e a outra vivia uma relação platônica com o seu: o discurso do filme, apesar da bela construção, é o das lésbicas *porque mal-amadas*.

Um filme de Quebec, *Quand la nuit tombe*, é um dos poucos que escapa a este esquema: de expressão extremamente sensível, suas imagens falam de ardor, paixão, sensualidade, sexualidade e amor entre mulheres.

Porém, em relação à produção cinematográfica no tempo presente, os filmes de grande divulgação tratando do lesbianismo representam uma ínfima parte, quase inexistente. E nestes as representações refletem, de fato, as idéias preconcebidas.

Mas quando se trata de filmes de sexo explícito o lesbianismo está presente constantemente, como um estímulo a ereções difíceis ou inexistentes. As posturas em geral são uma exibição de genitália e não uma ação visando ao prazer – o que se procura mostrar na produção heterossexual desse tipo. No seriado *Ally McBeal*, já citado, o namorado de uma das garotas, ao tomar conhecimento de seus desejos, se entusiasma e se propõe a participar de sua realização, "olhando e se tocando". Ou seja, a sexualidade entre duas mulheres é pasto para o olhar masculino.

Nos *chats* da Internet é constante a procura de lesbianas para incrementar o desejo moribundo de casais heterossexuais. De toda maneira, no *voyeurismo*, o lesbianismo é apenas uma brincadeira excitante entre mulheres, que só toma peso e significado quando existe um homem participando. No fundo, seriam duas mulheres à disposição de um homem: como não estimular tal prática? O que



muda apenas é a falsa hipocrisia da monogamia, soletrando-se ainda o mundo no masculino.

O Múltiplo aqui é disciplinado em torno do Uno, obedecendo ao *dispositivo da sexualidade*: as práticas sexuais se expandem, mas o modelo permanece o mesmo. De fato, quanto mais sexo, na atualidade, mais performantes, sedutoras, ganhadoras sentem-se as pessoas: até que ponto essa exuberância é prazer, até que ponto se tornou um dever, uma tarefa social? Até que ponto a disciplina dos corpos não exige mais sexualidade, prazer efêmero cujos suspiros se prolongam no poder da posse, da dominação, da compra, na multiplicação dos corpos e dos encontros? Mesclado à violência, o mercado do sexo não tem limites nem fronteiras.

# OS PERFIS IDENTITÁRIOS

## Um pouco de teoria

Corpo e sexo parecem, à primeira vista, indissociáveis. Mas que corpo é este, atravessado pelo sexo? Que sexo é este a cujas definições se atrelam características de meu ser? Seria o corpo uma superfície preestabelecida, apenas um dado biológico, sobre o qual se instalam práticas, coerções e disciplinas? E o sexo, um simples detalhe anatômico ou esta essência, esta delimitação incontornável do indivíduo no mundo, como hoje nos aparece?

Quem diz corpo e sexo pensa também em mulheres e homens, esta divisão *naturalizada* dos seres humanos em superior/inferior, dominador/dominada. Na atualidade, vê-se a proliferação de novas identidades: transexuais, bissexuais, homossexuais. Mas essas categorias, quando buscam uma identidade própria, de fato reproduzem as representações hegemônicas do masculino/feminino, pois se afirmam em "oposição a", "diferente de". A multiplicidade de práticas continua assim a girar em torno do eixo polarizados dos corpos sexuados.



O campo de micropoderes oriundos das próprias relações sociais cria o corpo ao anunciá-lo sexuado, ao fazer de sua constituição biológica um fator "natural": tudo se passa como se certas características específicas tornassem indiscutíveis a divisão dos seres humanos em dois blocos distintos. Isso não significa, porém, que o corpo humano não exista de forma sexuada, com um aparelho genital dado: existe uma diferença, sim.

O que o poder cria é outra coisa: é a *importância* dada a este fator corporal, é o sentido que se lhe atribui de revelador, de catalisador da essência do ser e da identidade do indivíduo. A diferença é o divisor de águas; mas mulheres e homens têm dois olhos, braços, pernas, cabelos, joelhos, cotovelos, pés, polegares, andam eretos. Por que não buscar a semelhança? Vê-se assim como o olhar precede o corpo que identifica como sexuado. Estamos falando então do *sexo-significação,* que é criado e veiculado em discursos e imagens e representações. Nessa ótica, a prática sexual, a sexualidade é forjada dando ao corpo um sentido sexuado "natural", normativo.

Este *sexo-discurso* produz desse modo corpos aos quais se atribui uma *sexo-significação* de forma binária e normatizadora, em torno da procriação e em sexualidades diversas que não cessam de se referir ao sexo "originário", o reprodutor. A *heterossexualidade compulsória* aparece assim como um mecanismo regulador de práticas e definidor de papéis, restritos aos desenhos morfológicos e genitais, isto é, à correspondência exata entre *sexo biológico/gênero social* que o lesbianismo e a homossexualidade em geral desmentem.

O desejo e a expressão sexual são codificados em corpos definidos cuja biologia não é apenas classificatória (mulheres,

homens), mas funciona como um operador simbólico de inserção enquanto expressão de normalidade ou anormalidade (heterossexualidade): quem obedece à norma usufrui as benesses sociais, dos sorrisos e ritos, festas e fanfarras que acompanham o amor e o casamento entre uma mulher e um homem.

Assim, a *desnaturalização* do sexo biológico promove a queda dos bastiões mais poderosos da divisão binária da sociedade, com seus efeitos de apropriação e dominação; entretanto, a identificação da heterossexualidade como fundamento e estratégia do poder masculino está longe de ser incorporada aos discursos de saber, mesmo nas teorias feministas. A crítica do sexo biológico enquanto determinante tático de relações hierarquizadas ainda é incipiente, apesar de sua existência desde os anos 70.

Ti Grace Atkinsons, por exemplo, aponta a heterossexualidade como instrumento de sujeição e de apropriação das mulheres (1975), idéia retomada e reelaborada por Monique Wittig e Adrienne Rich nos anos 80 (Wittig, 1980; Rich, 1981). Foucault comenta que a noção de "sexo" permitiu reagrupar em uma unidade artificial diferentes elementos: anatômicos, biológicos, condutas, sensações, prazeres. Esta unidade fictícia passa a funcionar como um princípio causal, segredo a ser descoberto, significado universal do humano (Foucault, 1976: 204).

O sexo aparece aqui descrito em sua função significativa, dando sentido, essência e identidade ao humano, em práticas normativas de sexualidade heterossexual.

Judith Butler argumenta que, se o sexo fosse apenas um dado anatômico sobre o qual o gênero (o papel social) seria construído culturalmente, os gêneros seriam instituídos de forma binária em todas as sociedades e em todos os tempos. Ora, as



diferenças culturais e históricas sugerem uma distinção radical entre os corpos sexuados e os gêneros construídos socialmente, na medida em que nem sempre o aparelho genital é determinante na função social dos indivíduos (Butler, 1990: 6).

Que autoridade daria a última palavra, a não ser a sustentada pela crença no natural e na ordem supra-humana? Quem diz crença diz valores, quem se apóia em valores não pode fugir de sua historicidade incontornável: como vimos, os valores se transformam e podem mudar radicalmente a apreensão do mundo e do relacionamento dos seres, no tempo e no espaço.

Para Butler, os *dragkings* ou *dragqueens* seriam corpos performativos, que encenam, representam a ligação sexo biológico/gênero social mas ao mesmo tempo a desmascaram, pois sua aparência desmente seu corpo biológico. Assim, apontam para o aspecto ilusório, construído, do binômio sexo/gênero, pois demonstram a possibilidade de sua total inversão (Butler, 1990: 7). Quantas mulheres e homens que encontramos têm um sexo biológico correspondente a seu gênero?

Sexo biológico e sexualidade têm assim um significado social, transformável no decorrer da História, e no Ocidente tem sido ponto estratégico de expansão do poder sobre os indivíduos. Dada sua importância no imaginário social, passa a ser um ponto focal de identidade, de inteligibilidade. Vimos, por exemplo, como o saber biomédico definiu e criou o corpo e a conduta da lésbica, prescrevendo medidas preventivas e educativas para transformá-la em "verdadeira" mulher.

Nesse caso, portanto, como sublinha Butler, "não há identidade de gênero atrás da expressão de gênero; esta identidade é performativamente constituída pela expressão que deveria ser o

seu resultado" (1990: 25). O gênero, dessa forma, cria o sexo e os indivíduos na própria experiência da vida social.

Essa análise muda radicalmente a perspectiva anterior do binômio sexo biológico/gênero social: dizia-se que o gênero era construído sobre o sexo biológico, tomando-se o aparelho genital como um dado da natureza, sem possibilidades de problematização. Isso significa que os papéis socialmente construídos de mulheres e homens teriam suas identidades fixadas em um contorno biológico, supostamente definido e definitivo em torno de práticas heterossexuais. Questionando-se a importância dada ao sexo biológico, percebe-se a própria construção social como modeladora do humano.

## Que sexualidade é esta?

Existe uma tipologia do lesbianismo, ancorada no imaginário social, com algumas variações espácio-temporais: o tipo mais característico seria o da mulher-macho, paraíba, sapata, fanchona, caminhoneira, *butch*, *dyke*, identificada por um mimetismo das atitudes e maneiras masculinas.

É possível que a rigidez da divisão binária da sexualidade humana faça com que a atração por outras mulheres crie a necessidade de adotar características masculinas, físicas e comportamentais, tosca forma de encenar a sedução (Barret, 1990: 257). Dessa forma, as mulheres em geral, "femininas", poderiam sentir-se atraídas por esses tipos masculinizados. Temos aí o esquema da ordem heterossexual em corpos biologicamente femininos, o casal *butch/femme*.

Outros tipos seriam a *esportiva*, cuja liberdade corporal inspira



dúvidas; a *lesbian chic*, meio andrógina, com especial cuidado no visual, e, *quem diria*, aquela que não tem nenhum signo externo de suas preferências sexuais e, neste caso, todas as mulheres podem estar incluídas. Este último tipo é talvez atualmente o mais difundido, não como uma forma de esconder a sexualidade, mas para marcar a privacidade de opção. Afinal, por que a sexualidade teria de ser explicitada? A *lésbica política* teve também sua expressão nos anos 70, no auge dos movimentos feministas, quando algumas mulheres declaravam-se lésbicas mesmo sendo heterossexuais, para mostrar sua recusa do patriarcado como sistema de dominação das mulheres (Atkinsons, 1975).

*Se* o lesbianismo se define primeiramente enquanto prática sexual, a sexualidade lésbica propriamente dita padece de alguns mitos e lugares-comuns. Vimos que, no imaginário social, as representações das lesbianas se fazem a partir de um desvio de conduta ou de preferência em relação à "verdadeira mulher". Esta, heterossexual por natureza, seria dotada ou de uma fraca pulsão sexual, compensada pela maternidade, ou de uma poderosa sexualidade, as *femmes fatales*, prostitutas, devoradoras de homens, destruidoras de lares. Duas faces da mesma moeda. O sexo a serviço da reprodução ou do prazer masculino. Estas são as imagens com as quais convivemos: a sujeição das mulheres à violência e à utilização de seus corpos, em nome da ordem, do "natural", do divino, talvez.

Assim são vistas as lésbicas, em imagens invertidas: dotadas de furor sexual ou de uma frágil sexualidade, de uma pulsão sexual quase inexistente ou de um insidioso poder de sedução. Porque, finalmente, não passam de mulheres. Por um lado são vistas como um perigo à inocência das jovens, por outro são seres assexuados brincando de tomar um lugar que não lhes é próprio.

Existe uma fantasia entre as mulheres heterossexuais que a proximidade de uma lésbica representa uma certa aventura, pois acreditam que necessariamente serão objeto de assédio, projetando-se assim sobre o lesbianismo um comportamento socialmente aceito como masculino: se o homem não tenta, não é macho; para uma lésbica que se preze, também. Assim, um toque, um sorriso, um abraço podem ser imediatamente considerados como avanços sexuais da parte de uma lesbiana.

Uma das idéias preconcebidas e que aparece com freqüência na literatura é que entre as lésbicas a sexualidade não tem relevância e elas priorizam as carícias amorosas e o sentimento. Alguns exemplos: "Muitas vezes é o vínculo afetivo que é considerado mais importante, ou então o contato sexual pode ser mais uma questão de carícias feitas em várias regiões do corpo do que um contato voltado essencialmente para os órgãos genitais" (Fry, 1985: 106). Ou ainda: "Mas como muitos casais lésbicos, mesmo no século XX, o aspecto sexual de seu relacionamento não é de importância primordial. Seus laços são baseados mais no intelecto e nas paixões compartilhadas" (Richards, 1993: 268).

Essas análises dão uma conotação negativa, de seres quase assexuados, e, num mundo onde o sexo é rei, onde a psicanálise faz lei, dar pouca importância à performance sexual reabre o espectro da doença, do antinatural. Os pequenos anúncios das revistas especializadas, que priorizam atividades em comum ou a estabilidade das relações, podem até enfatizar esse aspecto, mas o que aparece como uma sexualidade inexistente pode apenas ser uma outra maneira de ver o sexo e o relacionamento amoroso. Num corpo descentrado, o erotismo tem um traçado



amplo e sempre renovado. O genital é apenas uma parcela do encontro amoroso.

Uma sexualidade problemática, uma recusa do corpo e de seus prazeres, não é mais comum entre as lesbianas que entre as mulheres heterossexuais, como tantas vezes se pretende. Enquanto ligadas a experiências e identidade de mulheres, podem ter sofrido os mesmos traumatismos e violências, os mesmos abusos e assédios que as heterossexuais, num mundo onde a sexualidade masculina dita as normas. De toda forma, no processo de socialização, o que é conseqüência é tomado como causa: as meninas e as mulheres aprendem a controlar, a disciplinar, a negar seus desejos e seus corpos em nome da moral e dos bons costumes, e toda lésbica foi um dia uma menina. Uma vez anulados o desejo e a paixão, alega-se que não os possuem. A sujeição é contundente: em uma pesquisa sobre identidade lesbiana feita pelo MIEL – Mouvement d'Information et d'Expression des Lesbiennes de Paris, em 1987-88, o questionário não apresentava nenhuma pergunta específica sobre sexualidade, como se não existisse ou fosse um ponto pacífico sobre o qual todas estariam de acordo.

Antes de o feminismo contemporâneo surgir com força, a partir da Segunda Guerra, pouco se falava do prazer das mulheres, a não ser para controlá-lo, impedi-lo. No século XIX, as "sábias" dissertações médicas se debruçavam sobre o "problema" da masturbação feminina e do tamanho adequado do clitóris (definido naturalmente segundo os critérios desses senhores). As soluções aventadas eram: ablação, excisão, cauterização.

Recomendavam inclusive o tipo de instrumento para cortá-lo – tesoura ou bisturi – e discutiam a melhor posição para agir

com mais eficácia. Apesar de aconselhar esses procedimentos, os médicos alertavam para os acidentes e perigos: peritonites, abscessos, morte (Bonnet, 1981: 171-178). O que hoje acontece na África e em outros países do Oriente – dizem os antropólogos ser cultural – dava-se na Europa, na França, por exemplo, por volta de 1880. São muitas as faces do poder no controle do corpo e do desejo das mulheres, e o discurso científico é uma delas. Alegar a "cultura" quando se trata da mutilação das mulheres é sancionar uma forma de poder que tortura crianças porque têm um aparelho genital feminino. Seria interessante pensar as justificativas "culturais" se os mais de 150 milhões de mulheres com o sexo mutilado no mundo hoje fossem homens.

Quando se fala de sexualidade feminina a palavra mais usada é "vagina", como se fosse a essência e a totalidade do sexo da mulher. Mesmo os livros que tratam do lesbianismo falam parcimoniosamente de sexualidade, as folhas parecem sussurrar, as letras se esconder, as páginas se dobrar.

Clitóris, pequenos lábios, grandes lábios, pouco se menciona, pouco se conhece destas zonas erógenas por excelência do corpo feminino. O orgasmo feminino é clitoridiano, se pensarmos nesses espasmos que percorrem o corpo em todos os sentidos, e tem começo, meio e fim. O orgasmo vaginal é uma emoção difusa, que mescla desejo, prazer de penetração, prazer de contato, maior ou menor, mas nada mais duvidoso que um clímax vaginal.

Freud faz uma descrição exemplar de uma transição *cultural* do prazer clitoridiano ao exercício vaginal: "[...] na medida em que se forma a feminilidade, o clitóris deve ceder toda ou parte de sua sensibilidade, e, deste fato, sua importância, à vagina.



Esta é precisamente uma das duas dificuldades que a mulher é obrigada a superar durante sua evolução. Ela se vê obrigada a mudar de zona erógena e de objeto"[8]. A representação do prazer se desloca de uma região de intensidade para um ponto difuso: vê-se que o "natural" é assim construído: o aprendizado, a educação são a melhor forma de sujeição.

O ponto G, nova descoberta "científica", seria mais uma justificação para a falta de orgasmo feminino na relação heterossexual: muito escondido, inexistente, mal colocado, a culpa da ausência de prazer seria mais uma vez da própria mulher, de sua constituição defeituosa. Não de uma relação precariamente vivida, em que a penetração é o signo e a realização sexual. Por que o obscurecimento do clitóris? Por que a ênfase à vagina? A resposta a estas questões é quase ociosa: o prazer que se contempla é o masculino.

"*Tribadismo*: homossexualismo feminino. Consiste no atrito recíproco dos órgãos sexuais" (Encarta, 1999). A palavra apela à imagem e o modelo é a cópula heterossexual. A classificação inicial do lesbianismo como *tribadismo* se faz, entretanto, a partir do clitóris, de seu tamanho e de sua relevância na sexualidade feminina: no século XIX era reconhecida sua importância no tratamento da masturbação e do "desvio" homossexual.

No tratado *De la prostitution de la ville de Paris*, de 1837, considera-se que o clitóris é "a sede principal dos órgãos genitais"

[8] Sigmund Freud, « Conférence sur la féminité », *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*, Gallimard, Coll. Idées, p. 155, citado por Marie-Jo Bonnet (1981:188).

(Bonnet, 1981: 175). No *Dictionnaire des sciences médicales par une société de médecins et chirurgiens,* do início do século XIX, o discurso médico alertava para os perigos do "clitoridismo", prática condenada pelos costumes, pela higiene e pela preservação da feminilidade, pois a masturbação poderia causar desde mau hálito e insanidade até a morte. Pode-se alegar que a masturbação masculina também era combatida, porém não se tem notícia da ablação do pênis por esse motivo.

Se as classificações tentam definir um perfil para a sexualidade lesbiana, a tarefa é inglória. Não há UMA sexualidade lesbiana, pois não há um modelo a ser seguido, não há uma receita, não há mistérios; pressente-se uma busca e um conhecimento do próprio corpo que é utilizado no prazer de outrem e de si mesmo. Sua força e intensidade dependem das pessoas, assim como em qualquer relação. A sedução, o contato, o namoro, o toque, o cheiro são desdobramentos da emoção. Humana emoção, troca de humores, erótica reinventada.

O "mistério" da sexualidade lésbica permanece enquanto tal na medida em que não existe um padrão de comportamento, uma postura unitária, uma "maneira de fazer" imposta a todas, uma "posição" clássica obrigatória. O uso fantasioso de artefatos, de *dildos,* é apenas mais uma imagem que procura, no sexo entre mulheres, colocar a inevitabilidade da penetração e de um simulacro de pênis. No imaginário social, ainda o sexo masculino é o detentor da sexualidade. Como concebê-la sem o falo? Entretanto, tudo existe e a sexualidade é vivida na singularidade individual, com maior ou menor sujeição às representações sociais comuns. A realidade vivida por milhões de mulheres cria talvez um contra-imaginário na obscuridade capaz de renovar as representações estereotipadas.



## Identidade nômade: um desafio

### *Mas o que é ser lésbica? O que é ser mulher?*

A história do movimento das mulheres mostra a presença constante de lesbianas tanto nas práticas políticas de reivindicação como nas reflexões teóricas. No vigor dos anos 70 viu-se mesmo feministas que quase se desculpavam de sua heterossexualidade diante da avalanche de análises sobre a violência implícita e explícita da dominação, da apropriação dos corpos e da exploração sexual das mulheres em um mundo patriarcal, problemática avassaladora que invadiu assim as ciências sociais.

O feminismo cunhou a categoria *gênero*, cultural, opondo-se a sexo, biológico, e assim desfez em parte a noção de essência, de um fundamento intrínseco para os seres, que definiria mulheres e homens conferindo-lhes papéis segundo sua *natureza*. Mas os problemas de definição e de identidade atravessaram a trajetória e a utilização da categoria *gênero*: o que é a mulher? O que é o feminino? Como pensar a diversidade da experiência vivida das mulheres em contextos culturais e espácio-temporais diversos? Como contemplar as diferenças entre as mulheres?

O desenvolvimento de teorias feministas plurais vem estimulando um refinamento de análises teóricas que desconstroem os modelos únicos do "ser mulher". Nesse sentido as lesbianas, as negras, as mulheres oriundas de países outrora colonizados denunciam a nova representação hegemônica sob a imagem da mulher branca, heterossexual, classe média, abrindo o caminho para se pensar o múltiplo.

Raça, classe, opção sexual — variáveis que se impõem e determinam uma viravolta na crítica teórica feminista, instalando a

diversidade de imagens e de experiências de *mulheres* após desconstruir o mito da *natureza da mulher*. A idéia de um feminismo singular, dotado de estratégias e de discursos unificados, se desfaz assim ante a diversidade, ante a especificidade de experiências singulares de um ser-mulher-no-mundo.

Os discursos feministas na atualidade iniciam, dessa forma, um movimento contínuo e voluntário de *des*-locamento, de *des*-identificação, que se fundamenta no espaço vivido. Recusa-se, assim, a idéia de uma *verdade do sexo*, ou seja, a prática sexual diretamente ligada ao sexo biológico. Abre-se o caminho para o questionamento da naturalização do sexo biológico e das práticas sexuais, um terreno comum ao feminismo e ao lesbianismo.

Mas, mesmo neste início de milênio, colocar em questão a heterossexualidade aparece como um desafio ao senso comum. A maternidade é ligada estreitamente à construção do gênero *mulher*, da representação social *mulher*, do sexo biológico *mulher*. Isso faz da prática heterossexual a chave do poder disciplinar: há um amálgama do sexo biológico, do papel social e da sexualidade potencial no quadro do "instinto sexual" reprodutivo.

Mas nesta ordem discursiva ser "mulher" ou "mulher negra", ou "mulher latina" ou "mulher pobre" é ainda melhor do que ser "lésbica". Para um certo feminismo tradicional, se a categoria *mulher* pode admitir a diversidade, é no domínio das práticas sexuais que se encontra o traço de união: a heterossexualidade.

O lesbianismo, de certa forma, vem quebrar o peso da norma e da evidência, pois pode funcionar como um possível contra-imaginário, uma outra ordem simbólica, uma experiência que coloca em xeque a legitimidade e a dominação do "natural" heterossexual, fundado em todo um sistema de crenças científicas ou religiosas.



Neste caso, a crítica feminista atual, com Judith Butler, Teresa de Lauretis, Donna Haraway e outras, atua no sentido de apontar para a construção social não só dos papéis, mas igualmente a construção social dos corpos, na heterossexualidade obrigatória e na coerência do gênero, na qual um corpo de mulher só pode conter a significação social "mulher". Retoma-se a questão: a noção de sexo biológico não é igualmente uma construção social?

As noções de *heterossexismo* (De Lauretis, 1987: 5) e de *heterogênero* (Ingraham, 1996: 169) foram cunhadas como instrumental teórico feminista para se pensar as práticas sexuais. A instituição da heterossexualidade obrigatória seria o *heterossexismo*, fundamento do binário universal como base de elaboração do gênero. Quebrar o binário seria abrir as portas de um sistema de significações que obscurecem o múltiplo em uma coesão identitária em torno do sexo biológico *heterogênero*; por outro lado, seria a explicitação teórica do heterossexismo implícita na dupla inseparável sexo/gênero.

O *Sex Gender System* (De Lauretis, 1987: 3) seria prática heterossexual construindo os corpos e seu lugar no mundo em um sistema de hierarquias, sistema simbólico fundado sobre sua representação — mulheres, homens, reprodução —, que adquire a evidência na repetição, no cultivo de uma tradição, de uma memória cuidadosamente elaborada em história.

Tudo isso nos leva à questão da identidade. O que é a identidade de gênero, senão características socialmente instituídas e assim mantidas em uma certa ordem simbólico/material? O gênero, o papel social, como vimos, constrói nessa perspectiva o corpo sexuado em uma erotização polarizada: as mulheres só podem amar os homens e vice-versa. A diferença biológica é vista

assim em sua estreita ligação aos sistemas ideológicos, culturais, científicos. E esta é a pesada materialidade do social, cujas significações permitem o assassinato ou a exclusão dos homossexuais como seres hediondos, como anomalias da natureza.

Quando se ilumina o heterossexismo, a mesma lógica faz aparecer a norma institucional do coito regular – no casamento ou não – como meio de criação e apropriação de um grupo socialmente constituído: o grupo das mulheres. Os corpos femininos são desta maneira delimitados em suas práticas sexuais através dos ritos de iniciação, dos tabus e das interdições que definem sua mobilidade, suas preferências e a erotização de seus gestos na esfera do masculino. Portanto o lesbianismo, assim como a "verdadeira mulher", só existe nesses quadros de pensamento que lhe conferem uma identidade a partir de um corpo e de práticas sexuais definidas.

As mesmas questões afligem, nesse sentido, o feminismo e o lesbianismo quando se interrogam sobre o sujeito e o objeto de seus percursos teóricos e políticos: o que é afinal uma mulher, o que é uma lésbica? Mas definir uma identidade é criar ao mesmo tempo um campo de exclusão, uma dimensão de verdade: à *verdadeira mulher* corresponderia a *verdadeira lésbica*. De que direito uma imagem disporia ao tornar-se mais verdadeira que outra? De que representações, que caminhos de poder são assim traçados?

Se tomarmos o simbólico como caminho de sentido, torna-se claro que a distribuição do poder é uma questão de afirmação, de legitimação de autoridade, de reatualização de lutas para posse de símbolos, em torno de significações que instauram e sustentam práticas sociais e sexuais, tais como a heterossexualidade. Recusando-se as definições limitativas para o lesbianismo, pode-se abrir um



campo de estruturação do corpo capaz de constituir um novo perfil de identidade social, rasgando as redes simbólicas que prendem o humano a identidades fixas.

Um novo sujeito do desejo não é senão o contra-imaginário que abre suas asas, pronto para outros espaços de relacionamento: como mudar a realidade sem um novo espaço simbólico que trace, por sua vez, novas imagens dos corpos? Com que direito a sexualidade e a heterossexualidade definem o sujeito do desejo? Com que direito uma norma ou um valor explicam o ser? E a partir de que vontade de poder/saber o desejo torna-se o eixo central do discurso sobre o corpo sexuado? Como destruir o labirinto que nos faz girar sem fim no mesmo círculo fechado?

Meu argumento é que o lesbianismo não pode constituir uma identidade, já que esta denominação não é senão um conjunto de questões, de práticas diluídas no questionamento das categorias *mulher* e *gênero*. Reivindicar uma identidade lesbiana seria fazer parte de um contra-imaginário domesticado, e encontrar uma coerência identitária seria tão ilusório quanto uma coerência de gênero.

Como alguém pode *ser* uma prática sexual? Como se pode *ser* lésbica? A criação de grupos em torno de preferências é compreensível; por exemplo, amantes da natureza, dos animais, vegetarianos, surfistas. Criam-se grupos tendo em vista objetivos comuns, proteção, direitos. Mas que laços pode criar uma prática sexual, a não ser a possibilidade de encontros mais fáceis num meio específico? Os famosos *ghetos*, ou a *gay scene*, são as boates, bares, cidades como Provincetown, Montreal, São Francisco, Sydney ou mesmo Parati, onde olhares podem se cruzar "sem medo de ser feliz".

Nessa ótica, assim como os estudos feministas se debruçavam sobre "o que é uma mulher?", podemos repetir nossa indagação

primeira: o que é uma lésbica? E as questões continuam a se desdobrar: Mulheres que amam mulheres? Que fazem sexo com outras mulheres? Que se sentem atraídas mas não ousam o sexo? Que amam outras mulheres e fazem sexo com homens? A própria bissexualidade que hoje se desvela torna irrelevantes as definições em torno de práticas.

A pesquisa do MIEL – Mouvement d'Information et d'Expression des Lesbiennes sobre o "Ser Lesbiana" assim define: "Para nós, o termo 'lesbiana' representa uma afirmação de nossa identidade, afirmação que se dirige no sentido de uma maior visibilidade. Nas relações entre mulheres, esta visibilidade não deve se expressar somente em um modo de vida sexual ou emocional, mas igualmente por um questionamento da sociedade sexista e patriarcal e contra a heterossexualidade compulsória por ela veiculada" (1987: 8).

A questão permanece: que identidade é esta? Que visibilidade se propõe? Roupas, gestos, contornos físicos, comportamentos específicos? Como conseguir uma homogeneidade em relação a pessoas que não têm interesses ou objetivos comuns? Estou pensando nas divisões sociais que em alguns países como o Brasil criam compartimentos quase intransponíveis de educação, de linguagem, de reflexão, de expressão e apreensão do mundo.

O que é afinal o lesbianismo em uma rede de sentidos dominada pela heterossexualidade, tal como se apresenta em grande parte das teorias feministas? Práticas desviantes ligadas à sexualidade? Sentimentos que se dirigem às pessoas do mesmo sexo? Uma erótica particular? Uma escolha política, como nos primeiros tempos do feminismo, as *heterodykes*? Ou práticas de recuo e de frustração diante dos homens como aparece em De Beauvoir?

Não é possível esquecer a frase de Wittig: "Uma lésbica não é



uma mulher" (1980: 53); definição em negativo, *locus* maior de resistência ao patriarcado. Mas essa própria afirmação ainda se refere ao quadro de pensamento que coloca o lesbianismo num conjunto de práticas cuja referência central são a sexualidade e o sexo.

Nesse caso, a outra face da visibilidade lésbica – as maneiras de se vestir, de ser diferente, de sublinhar uma singularidade – não faz senão assumir interinamente a ordem binária na medida em que expõe uma diferença, e a diferença supõe um modelo. Nesse sentido, desafiar os padrões, assumir a representação social da inversão e o nome dado às práticas "desviantes" legitima de certa maneira a norma que determina as zonas de exclusão. Muitas vezes, aliás, os casais de lésbicas reproduzem uma divisão generizada de papéis, num mimetismo cujo efeito de espelho é a reprodução da assimetria e da hierarquia. Entretanto, o outro lado da moeda: a recusa de um corpo sexuado enquanto marco e identidade é ameaça à ordem instituída. Como sublinha Foucault, "[...] o sexo não se julga apenas, administra-se. Está no âmbito do poder público" (1976: 34-35). Agressão, morte e estupro são as respostas mais violentas. Ridicularizar, excluir, desprezar são as formas mais amenas.

De toda maneira, tentar traçar um perfil *da* lésbica ou *das* lésbicas é uma tarefa impossível, pois não há substância à qual se prender, não há um bloco homogêneo e monolítico de coerência, não existe um tipo de experiência única que possa tomar o lugar de um referencial estável, de um protótipo. A criação de um modelo é uma forma de derrisão externa, vinda do social, ou uma forma de totalitarismo interno, vinda de um grupo que se erige como arauto do verdadeiro lesbianismo.

Além disso, a própria noção de casal não é evidente, quer seja heterossexual ou homossexual: é a sexualidade que o define?

O sentimento? A coabitação? Laços institucionais? Emoção, sexo? Nenhuma resposta positiva compreende em si a noção de casal, e seu conjunto pode ser desdobrado em séries inumeráveis.

É muito fácil cair no essencialismo quando se reivindica uma identidade, quando se liga o ser a uma prática, a uma atração, a um gosto, nem tão particular assim. Uma definição já é um cerceamento, é demarcar apenas uma forma de ser. A necessidade de se dizer, de se explicar, de se traduzir pela sexualidade faz parte de nosso quadro de pensamento, da época pós-psicanalítica. De fato, a questão que se colocaria é: por que temos necessidade de uma identidade senão para responder às exigências de uma moldura binária de pensamento?

Rosi Braidotti considera que a identidade das mulheres é "[...] um conjunto de experiências múltiplas, complexas, potencialmente contraditórias, atravessadas por variáveis como classe, idade, maneira de viver, preferências sexuais etc." (1994: 4).

Acrescentaria o espaço e tempo vividos, a linguagem e a língua, e as constelações de sentido nas quais se constroem e se auto-representam os indivíduos. Uma identidade portanto em construção, móvel, fluida, nômade, transitória; uma identidade somente retrospectiva, que indica onde estivemos e não estamos mais, no que Braidotti chama a *cartografia nômade* do ser (1994: 35). Esta seria a identidade lesbiana, nômade, volátil, "sem lenço, sem documento", na liberdade do desejo quando se faz presente.

Identidades múltiplas, circunstanciais, deslocamentos imprevisíveis das pulsões em torno de pessoas, não de sexos definidos; assim, seriam identidades múltiplas construtoras de uma nova ordem sexual, pois, como afirma Monique Wittig, "[...] uma nova definição da pessoa e do sujeito para toda a humanidade só



pode ser encontrada além das categorias de sexo (mulher/homem) [...]" (1980: 83).

A identidade nômade é assim uma posição de sujeito ocupada em uma situação, em uma dada sociedade. Eu não sou lésbica e vocês não são mulheres, pois nesta ótica não existe a âncora no biológico para fixar em "porto seguro" a sexualidade humana. Não há cópias, pois os modelos se esgotaram em sua busca de essência e de transcendência, em sua busca do ponto nodal e definitivo de significação.

Neste mundo instituído por representações, a identidade é uma ficção e a incerteza e o paradoxo são as conquistas maiores de nosso tempo para desmascarar as verdades de todos os tempos.

Identidades múltiplas, circunstanciais, deslocamentos imprevisíveis das pulsões em torno de pessoas, não de sexos definidos, assim seriam identidades múltiplas construtoras de uma nova ordem sexual.

O que é finalmente ser lésbica? É o exercício da sexualidade que torna uma relação especial? De toda forma, a prática sexual nunca terá o mesmo perfil para todas, nunca responderá às mesmas expectativas, com os mesmos resultados. Quem sabe a emoção despertada possa ser um indício, emoção restrita ou plural, num outro caminho livre de definições.

Não existem respostas. Apenas um emaranhado de sentidos e representações que constituem o mundo: estratégia, opção, passagem, destino, recusa, cansaço, emoção. Cada qual seu desenho, sua fluidez. A volatilização da essência é a libertação da norma, da disciplina, da exclusão. É a disseminação da identidade que pode mudar a ordem do mundo, a ordem do Pai, a ordem do falo.

O que é o lesbianismo? Boa questão.

# BIBLIOGRAFIA

## Autoras e autores citados no texto


1. ATKINSONS, Ti Grace (1975). *Odyssée d'une amazone*, Paris, Des Femmes.
2. BELLINI, Ligia (1987). *A coisa obscura, mulher, sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*, São Paulo, Brasiliense.
3. BONNET, Marie-Jo (1981). *Un choix sans équivoque*, Paris, Denoël-Gonthier.
4. BONNET, Marie-Jo (1995). *Les relations amoureuses entre les femmes*, Paris, Ed. Odile Jacob.
5. BRAIDOTTI, Rosi (1994). *Nomadic subjects. Embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*, Nova York, Columbia University Press.
6. BROWN, Judith (1987). *Atos impuros. A vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença*, São Paulo, Brasiliense.
7. BUTLER, Judith (l990). *Gender Trouble. Feminism and the subversion of identity*, Nova York, Routledge.
8. DE BEAUVOIR, Simone (1966). *Le Deuxième Sexe*, Paris, Gallimard.
9. DE LAURETIS, Teresa (1987). *Technologies of gender. Essays on theory, film, and fiction*, Bloomington: Indianapolis, Indiana University Press.
10. ENCICLOPÉDIA ENCARTA 1999 em CD-ROM, Microsoft.

11. FOUCART, Paul (1914). *Les mystères d'Eleusis*, Paris, Auguste Picard Editeur.

12. FOUCAULT, Michel (1976). *Histoire de la sexualité I, La volonté de savoir,* Paris, Gallimard.

13. FOUCAULT, Michel (1987). *Vigiar e punir*, Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes.

14. FRY, Peter e MACRAE, Edward (1985). *O que é homossexualidade*, São Paulo, Brasiliense.

15. INGRAHAM, Chrys (1996). "The Heterosexual imaginary. Feminist sociology and theories of gender", in SEIDMAN, Steven (dir.), *Queer Theory — Sociology*, Cambridge/Mass., Blackwell Publishers, pp. 168-192.

16. JAMES, E. O. (1989). *Le culte de la déesse-mère dans l'histoire des religions*, Paris, Ed. Le Mail.

17. KLAICH, Dolores (1976). *Femmes et femmes*, Paris, Ed. Des Femmes.

18. LAMBLIN, Bianca (1995). *Memórias de uma moça malcomportada*, São Paulo, Record.

19. MARKALE, Jean (1979). *La femme celte*, Paris, Payot.

20. MIEL — Mouvement d'Information et d'Expression des Lesbiennes (1987-88). *Être lesbienne aujourd'hui. Le MIEL enquête*, Paris, Maison des Femmes. Opúsculo.

21. NICHOLSON, Linda (1997). *The second wave, a reader in feminist theory*. Nova York, Routledge.

22. PASTRE, Geneviève (1987). *Athènes ou le péril saphique, homosexualité féminine en Grèce ancienne*, Paris, Les Octaviennes.



23. RADCLIFF HALL (1974). *The well of the loneliness,* Londres, Corgi Books ( primeira edição em 1928).

24. RICHARDS, Dell (1993). *Superstars: twelve lesbians who changed the world.* Nova York, Carroll & Graft Publishers.

25. RICH, Adrienne (1981). "La contrainte à l'hétérosexualité et l'existence lesbienne", *Nouvelles Questions Féministes*, Paris, Ed. Tierce, março, n.1, pp. 15-43.

26. RIEDER, Ines (1994). *Wer mit wem. Hundert Jahre Lesbische Liebe*, Viena, Wiener Frauenverlag.

27. RUBIN, Gayle (1975). "The traffic in women. Notes on the 'political economy' of sex", in Rayna R. Reiter (ed.), *Towards an Anthropology of Women,* London Monthly Review Press, pp. 157-210.

28. SMITH-ROSENBERG, Carrol (1975). "The female world of love and ritual. Relations between women in Nineteenth-Century America". *Signs, Journal of Women in Culture and Society*, vol. 1, n.1, Chicago, University of Chicago.

29. STONE, Merlin (1979). *Quand dieu était femme*, Paris, Ed. Etincelle.

30. WEISS, Andrea (1995). *Paris était une femme*, Paris, Anatolia Editions.

31. WITTIG, Monique (1980). "La pensée straight". *Questions Féministes*, Paris, Ed. Tierce, fevereiro, n. 7.

## Indicações para leitura

1. BADINTER, Elisabeth (1989). *Palavras de homens (1790-1793)*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

2. BARRET, Martha Barron (1990). *Invisible lives. The truth about millions of women love women*, Nova York, Harp & Raw.

3. CHAMBERLAND, Line (1996). *Mémoires lesbiennes. Le lesbianisme à Montréal entre 1950 et 1970*, Montreal, Ed. Rémue-Ménage.

4. CLEYRERGUE, Berthe (1980). *Berthe ou un demi-siècle auprès de l'Amazone*, Paris, Ed. Tierce.

5. CORBIN, Alain (1982). *Les filles de noce*, Paris, Flammarion.

6. CUNHA, Maria Clementina Pereira (1989). "Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX", *Revista Brasileira de História*, "A mulher no espaço público", SP, vol. 9, n. 18 , pp. 21-144.

7. CURB, Rosemary e MANAHAN, Nancy (1985). *Ma soeur, mon amour. Les religieuses lesbiennes brisent le silence*, Paris, Les Octaviennes.

8. DELPHY, Christine (1991). *Sexe et genre. De la hiérarchie des sexes*, Paris, Ed. du CNRS.

9. DELUMEAU, Jean (1978). *La peur en Occident*, Paris, Fayard.

10. FOUCAULT, Michel (1988). *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Ed. Graal.

11. GROULT, B. (1993). *Cette mâle assurance*, Paris, Albin Michel.

12. GUIMBUTAS, Marija (1989). *The language of the goddess*, Nova York, Harper Collins Publisher.

13. HARAWAY, Donna J. (1991). *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinvención de la naturaleza*, Valencia, Ediciones Catedra.

14. JODELET, Denise (1989). "Les representations sociales, un domaine en expansion, dans Denise Jodelet" (dir.), in *Représentations sociales*, Paris, PUF.

15. MATHIEU, Nicole-Caude (1991). *L'anatomie politique, catégorisations et idéologies du sexe*, Paris, Côté Femmes.



16. MELAART, James (1971). *Çatal Huyuk, une des premières cités du monde*, impresso na Suíça, Tallandier.

17. NAVARRO-SWAIN, Tania (1996). "A construção imaginária da história e dos gêneros: o Brasil no século XVI", in *Textos de História*, Brasília, UnB, vol. 4 , n. 2, pp.130-153.

18. ———. "De Deusa a bruxa, uma história de silêncio", *Humanidades*, Brasília, EdUnB, vol. 9, n. 1.

19. ———. (1998). "Au dela du binaire: les Queers et l'éclatement du genre", in LAMOUREUX, Diane (org.), *Les identités sexuelles*, Montréal, Ed. Rémue-Ménage.

20. PASTRE, Geneviève (1980). *De l'amour lesbien*, Paris, Pierre Horay Ed.

# SOBRE A AUTORA

Tania Navarro-Swain nasceu em Curitiba... e ainda não sabe o que vai ser quando crescer. Viveu em vários lugares: Rio, uma paixão; São Paulo, uma experiência; Paris e Montreal, anos de estudo e raízes desfeitas. O mundo já se tornou pequeno em tantas viagens à procura de sabe-se-lá-o-quê. Leciona Teoria da História na Universidade de Brasília, que aprendeu a apreciar nas flores do cerrado e em suas árvores torturadas. Mora atualmente em uma pequena chácara — cavalos, cães, um mundo de verde aos poucos invadido pelos ruídos da cidade que se aproxima. Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado: obediente, subiu os degraus com rapidez, para se encontrar em um mundo de lutas e antagonismos. Guerreira de todas as lutas, sua espada aos poucos foi perdendo o fio em incontáveis batalhas não vencidas; que importa? Ser paga para estudar é uma vantagem. Diversas publicações, mas somente há pouco tempo conseguiu concentrar seu trabalho naquilo que a interpela há muito: a construção e a experiência do feminino no presente e na História. Partilhar questões, desconstruir evidências — um prazer. Afinal, já disseram que "viver é perigoso".

*Professora da Universidade de Brasília, Doutora em História pela Université de Paris III, Sorbonne Nouvelle, fez recentemente seu Pós-Doutorado em Montréal, Québec — Canadá, onde foi professora convidada no Institut de Recherches et Études Féministes — IREF, na Université de Québec à Montréal (UQAM), no período de 1997-98; também lecionou Teoria da História na Université de Montréal. Atualmente está implantando linha de pesquisa na Pós-Graduação intitulada "Estudos Feministas: gênero e sexualidade", tendo criado uma disciplina com a mesma denominação na graduação do Departamento de História.*